



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

WITALLO DA CRUZ FONTINELES

**IDENTIDADES (RE)VELADAS: A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS
HOMOERÓTICOS NAS OBRAS *O ATENEU*, DE RAUL POMPÉIA, E *BOM-
CRIOULO*, DE ADOLFO CAMINHA**

FORTALEZA

2015

WITALLO DA CRUZ FONTINELES

IDENTIDADES (RE)VELADAS: A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS
HOMOERÓTICOS NAS OBRAS *O ATENEU*, DE RAUL POMPÉIA, E *BOM
CRIOULO*, DE ADOLFO CAMINHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Departamento de Literatura, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Literatura Comparada. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientadora: Professora Doutora Edilene Ribeiro Batista.

FORTALEZA

2015

WITALLO DA CRUZ FONTINELES

IDENTIDADES (RE)VELADAS: A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS
HOMOERÓTICOS NAS OBRAS O ATENEU, DE RAUL POMPÉIA, E BOM
CRIOULO, DE ADOLFO CAMINHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Departamento de Literatura, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Literatura Comparada. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientadora: Professora Doutora Edilene Ribeiro Batista.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Doutora Edilene Ribeiro Batista (orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof^ª. Doutora Ana Maria César Pompeu
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Doutor Flávio de Araújo Queiroz
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca de Ciências Humanas

F684i Fontineles, Witallo da Cruz.

Identidades (re)veladas : a construção dos personagens homoeróticos nas obras O Ateneu, de Raul Pompéia, e bom crioulo, de Adolfo Caminha / Witallo da Cruz Fontineles. – 2015.

85 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Literatura Comparada.

Orientação: Profa. Dra. Edilene Ribeiro Batista.

1. Pompéia, Raul, 1863-1895. 2. Caminha, Adolfo, 1867-1897. 3. Realismo. 4. Naturalismo. 5. Homossexuais. I. Título.

CDD 809.89205

A todos/as que, como eu, vivem uma condição marginal.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria Eulice e Manoel Aguiar, que sempre me incentivaram no mundo dos estudos e sempre me deram força e coragem para seguir em frente superando os obstáculos diários da vida.

Ao meu irmão, pela força e companheirismo ao longo da vida, servindo como meu porto seguro.

À prof^a Dr^a Edilene, pela orientação durante o curso de graduação e de mestrado, pela compreensão, amizade e companheirismo que se desenvolveu ao longo dos anos.

Aos professores participantes da banca examinadora, Profa. Dra. Ana Maria César Pompeu – a quem agradeço também pelas valiosas contribuições na qualificação, pela compreensão e disponibilidade – e Prof. Dr. Flávio de Araújo Queiroz.

Ao Paulo César e ao futuro que bate a nossa porta.

Ao Wilton Cavalcante, pelos anos de amizade, pelas palavras de incentivo, por sempre me ajudar nas horas mais difíceis e por ter lido a dissertação sempre que solicitava.

Ao Honório, Jéssica Mariana, pelas horas de risos e descontração que ajudam a diminuir a tensão do cotidiano.

Ao movimento estudantil, que me deu suporte e força na minha militância e nos desafios diários.

À CAPES, por ter financiado parte da minha pesquisa.

“O que ocultamos é o que importa, é o que somos”
Lúcio Cardoso, **Diário Completo**, 1949-1962

“Mas tu, amado, também te pões,
Assim como o sol, e crescem
À minha volta as sombras
Da solidão, velhice, morte.”

Luis Cernuda, *in* Poemas homoeróticos escolhidos

RESUMO

O presente trabalho tem como foco verificar a relação existente na figura dos personagens não heterossexuais em fins do século XIX, utilizando a Teoria e Crítica Literária Feminista,(SCHMIDT, 1995; THOME, 2004), Sociologia (FOUCAULT 2002) e a História Cultural (DOVER, 2007) como forma de complemento para a pesquisa. Dessa forma, para o presente tema, foram escolhidas as obras **O Ateneu** (1888) de Raul Pompeia e **Bom-Crioulo** (1895) de Adolfo Caminha. As obras em questão têm como tema tangencial ou principal a homossexualidade masculina. Analisamos as representações de identidades homoafetivas no contexto do final do século XIX. Partindo de conceitos literários, sociológicos e históricos e confrontando o contexto sócio histórico e os discursos médico, psicanalítico e religioso com a representação do homossexual nas obras, em análise, pretendemos entender quais motivos que levaram o homossexual a ser perseguido e patologizado durante a história do Ocidente e como os escritores de literatura realista e naturalista representaram esses sujeitos em suas obras. A análise do espaço ganha destaque, uma vez que em ambas narrativas os desejos homoafetivos se iniciam em espaços fechados, exclusivos para homens. A relação entre sociedade o eu e o outro são fatores fundamentais para construção da identidade não heterossexual.

Palavras-chave: Realismo. Naturalismo. Homoafetividade. Aparelhos repressores. Heteronormatividade.

RESUMÉ

Ce travail a pour objectif de vérifier la relation existante dans la figure des personnages non hétérosexuels à la fin du XIXe siècle, en utilisant la Théorie et la Critique Littéraire Féministe, (SCHMIDT, 1995; THOME, 2004), la Sociologie (FOUCAULT 2002) et l'Histoire Culturelle (DOVER, 2007) comme forme de complément pour la recherche. De cette façon, pour ce thème, nous avons choisi les oeuvres **O Ateneu** (1888) de Raul Pompeia et **Bom-Crioulo** (1895) de Adolfo Caminha. Ces oeuvres prennent pour thème tangentiel ou principal l'homosexualité masculine. Nous avons analysé les représentations des identités homo-affectives dans le contexte socio-historique et dans les discours médical, psychanalytique et religieux avec la représentation de l'homosexuel dans les oeuvres analysées. Nous avons l'intention de comprendre quelles sont les raisons qui ont conduit l'homosexuel à être poursuivi et pathologisé pendant l'histoire de l'Occident et comme les écrivains du réalisme et du naturalisme ont représenté ces sujets dans leurs oeuvres. L'analyse de l'espace se distingue, puisque dans les deux narratives le désir homo-affectif commence dans les espaces clos, exclusifs aux hommes. La relation entre la société et le soi et l'autre sont des facteurs fondamentaux pour la construction de l'identité non hétérosexuel.

Mots-clés: Réalisme. Naturalisme. Homo-affectivité. Appareils répressifs. Hétéronormativité.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	COTIDIANO, NORMA E TRANSGRESSÃO: ENTRE A HISTÓRIA, A LITERATURA E A SOCIEDADE	15
2.1	Do auge ao declínio: o catolicismo como regulador da sexualidade	16
2.2	Vida social e momento histórico do Rio de Janeiro na última metade do século XIX	20
2.3	Projeto médico e sexualidade	23
2.4	A Literatura e a influência da comunidade científica	27
3	A BULA MÉDICA E A VITRINE LITERÁRIA: TRANSGRESSÕES E TRANSVIADOS NA LITERATURA BRASILEIRA DE 1888-1895 ..	36
3.1	Percurso literário de Raul Pompeia	37
3.2	O Ateneu: a construção da identidade de Sérgio, no convívio do internato a partir da sexualidade e cultura	38
4	RAÇA E SEXUALIDADE TRANGRESSORA: O CORPO COMO MARCA DA HETERONORMATIVIDADE EM BOM-CRIOULO	56
4.1	Percurso literário de Adolfo Caminha	57
4.2	Entre corpos e gestos: a marca da (homo)sexualidade	60
4.3	Entre colégios e navios: personagens não heterossexuais em comparação	71
5	CONCLUSÃO	74
	REFERÊNCIAS	77

1 INTRODUÇÃO

Durante o século XIX, os discursos médico, religioso e jurídico exerceram um papel dinâmico e fundamental na organização da nova sociedade brasileira, submetendo diretamente a família de elite à sua ação. Ainda durante esse período, a literatura estava estreitamente vinculada ao discurso científico (principalmente durante suas últimas três décadas) fatos, eventos e comportamentos que fugiam aos padrões heteronormativos falocentricos, como por exemplo, a homossexualidade que esteve subjugada à dissecação voraz distorcida e curiosa de médicos escritores.

Após ler vários livros, de diversas épocas da Literatura Brasileira com a temática da homoafetividade/homoerotismo/homossexualidade, surgiu então o interesse de verificar como, especificamente, o homossexual era tratado no século XIX pelos discursos literário, médicos, religiosos e jurídico. Então selecionamos livros publicados e ambientados no Rio de Janeiro, durante as três últimas décadas do século XIX para fazermos um estudo da representação do homossexual (masculino) nos discursos literários, médico, religioso, jurídico, e a maneira como as obras ficcionais operam uma transgressão dentro da própria obra, partindo dos pressupostos estabelecidos pela sociedade e pelos discursos hegemônicos que circulam na sociedade. A escolha do período também se faz relevante, por ser a primeira vez que um livro de um autor canônico trata desse tema na literatura nacional. Sendo assim trabalharemos com as obras “inaugurais” da história da literatura homoerótica¹, no Brasil – **O Ateneu e Bom Crioulo**.

A proposta em questão trouxe ainda a vantagem de, no espaço de três décadas, privilegiar a estética literária corrente – o Realismo/Naturalismo – e estudar, mesmo que brevemente, a relação discurso literário/discurso médico, religioso e jurídico em uma época em que ela chegava ao seu ápice.

E sobre o Realismo/Naturalismo, nos fala Correia:

Do ponto de vista ideológico, segue os pressupostos foucaultianos acerca das estruturas do poder em instituições “fechadas” – nesse caso, uma instituição militar e um internato - cujos sujeitos parecem

¹ Entendemos por literatura homoerótica qualquer obra que apresente uma relação afetiva, sexual entre personagens do mesmo sexo.

refletir uma “vontade de saber” sobre suas sexualidades, transgredindo, assim, os padrões de uma época, todavia, sem esquecer que as personagens dos romances não são completamente autônomas, mas, muitas vezes, “cobaias” do autor realista/naturalista. (CORREIA, 2010, p. 16)

O discurso literário não se encontra isolado dos demais, principalmente no século XIX, quando o aparecimento de novas áreas de saber provoca a interpenetração entre os discursos e a convivência, nem sempre harmônica, entre eles. Como já assinalou Michel Foucault, o Oitocentos é iluminado por uma “constelação discursiva”. Essa imagem traduz a inserção de determinado discurso em um conjunto maior, bem como as formas possíveis de conexões e as relações obtidas a partir do cruzamento desses vários discursos. Assim ocorreu entre o discurso médico e o literário, como será visto no decorrer desta pesquisa.

Nosso trabalho tem como objetivo analisar os personagens homoafetivos, sua construção identitária e a voz do narrador nas obras **O Ateneu** (1888) e **Bom Crioulo** (1895). Não é uma análise global das obras, mas uma tentativa de mostrar a condição dos personagens homoafetivos dentro do contexto do final do século XIX. Iremos observar características pertinentes à identidade do personagem, presença do narrador e contexto sócio-histórico do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX, ancorados na Teoria e Crítica Literária Feminista e nos estudos de gênero. O propósito da Crítica Literária Feminista anglo-americana é o de expor os mecanismos que mantêm a sociedade patriarcal, com o objetivo de transformar as relações sociais. O objetivo da Crítica Feminista é literário, mas também político. Os estudos literários feministas tendem a tomar emprestado de outros campos do saber (Filosofia, História, Sociologia e Antropologia) as ferramentas metodológicas e conceituais que satisfazem as necessidades dos seus trabalhos.

Os estudos literários feministas abordam uma vasta ordem de problemas críticos, dentre os quais podemos citar a reconstrução da história das mulheres; a historiografia feminista; a formação do cânone; o debate sobre o determinismo biológico contra a construção social do gênero; o problema da subjetividade e da constituição da identidade de gênero. Para a nossa dissertação trabalharemos, em especial, como os papéis sexuais são definidos como valores culturais produzidos socialmente, ou seja,

estudaremos a construção social do gênero, que significa que o gênero não é determinado biologicamente, mas um produto do condicionamento social e individual.

A perpetuação dos estereótipos do papel sexual (ativo/passivo) bem como a dicotomia masculino/feminino eram bem fortes e presentes na sociedade carioca do século XIX, como veremos nas obras analisadas. Questionar e revisar a ordem patriarcal no século XIX é um dos nossos objetivos com esse trabalho; construir uma nova ordem simbólica não mais centrada no falo, mas em relações sociais. Quanto a isso, Rita Terezinha Schmidt elucidou primorosamente, ao tratar da questão da Crítica Literária Feminista, que “falar de gênero é falar sobre diferença sexual e cultural.”(SCHMIDT, 1995, p.181) E explicou que:

um sujeito é constituído não apenas pela diferença sexual mas, principalmente, através de códigos linguísticos e representações culturais. Nesse sentido, gênero constitui um sistema simbólico ou um sistema de significação que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. (SCHMIDT, 1995, p.181)

A noção de gênero é, pois, um construto que percorre praticamente todas as áreas epistemológicas e comportamentais no que diz respeito ao ser humano, extrapolando o dado meramente biológico e impregnando, valorativamente, nossa maneira de pensar, agir e até mesmo de ser. Ainda Rita Terezinha Schmidt: “... a análise imanetista do texto que desconsidera códigos culturais, sistemas de valores ou ideologia e convenções literárias, empobrecem a análise literária.” (SCHMIDT, 1995, p.180)

O próprio estabelecimento de um padrão vai sofrer alterações dependendo do objeto que se tem em foco. Se o sujeito da análise for a condição da mulher, o padrão será o homem. Mesmo aí há desdobramentos possíveis e extremamente pertinentes, como no caso da mulher negra. O padrão, para ela, não poderá se restringir, apenas, à diferença de gênero, na medida em que há um outro lado, um outro construto, ditado pela diferença racial, que implica interesses e dificuldades muito específicas desta condição. Mais do que o número de padrões, interessa-nos saber o quanto a margem de um ou de vários padrões se encontra.

É nesse sentido que podemos afirmar que poucas categorias são tão discriminadas, estão tão à margem do *status quo*, quanto a do homossexual. E o que parece mero detalhe é extremamente significativo. Na divisão dos sexos, em uma

sociedade heteronormativa, se o masculino é o centro, cabe ao homossexual ocupar a mais periférica das posições. Nesse caso, a referência deixa de ser o homem para ser o heterossexual, seja ele masculino ou feminino. Superdimensiona-se, assim, o padrão, amesquinhando-se, conseqüentemente, o papel que é destinado ao sujeito homossexual no jogo social. Nas palavras de Thomé: “o homossexual é duplamente marginal. É marginal no sentido de estar, como a mulher, à margem do centro. Mas é marginal, ainda no sentido conotativo do termo, na acepção de “fora da lei”, de imoral, de pecador.”(THOME, 2004, p.22)

No primeiro capítulo de nosso trabalho apresentaremos um panorama histórico da figura do homossexual, masculino, na sociedade ocidental, desde a Grécia antiga; passando pelo Império Romano e ascensão do cristianismo, que resultou no declínio e perseguição do homossexual; perpassando pela Idade Média e pelo auge do cristianismo e da perseguição aos não cristãos até chegar ao Brasil do século XVIII e XIX. No Brasil do século XIX, analisaremos os projetos de sociedade e sexualidade propostos pela medicina, estado e igreja. O sistema patriarcal muito presente na sociedade brasileira, era bem mais agressivo e castrador no século XIX, a migração das famílias rurais para a cidade gerou uma profunda mudança na ordem social do Rio de Janeiro urbano, transformando a cidade em um local de múltiplas culturas e identidades.

No segundo capítulo, analisaremos o protagonista-narrador de **O Ateneu**, Sérgio. Nessa narrativa o personagem parece estar em constante modificação, em busca de uma identidade que parece nunca ser estável. Essa busca está refletida nas ações que o Sérgio relata no decorrer de sua experiência para captar a sua existência pela existência do outro. O discurso em primeira pessoa nos dá indício de um sujeito perdido no contexto que se encontra e que se recusa a se afirmar como um sujeito não heterossexual. A busca pela identidade reforça a ideia de que as ideologias e as instituições da sociedade deixaram de lado a macro-coletividade para se fixarem nos discursos das minorias e assim captar suas possíveis identidades.

No terceiro e último capítulo o objeto de estudo será o livro **Bom Crioulo**, no qual os personagens Amaro e Aleixo serão objeto de nossa análise, bem como o discurso do narrador e o seu posicionamento frente aos fatos narrados. Nessa obra o tema central é o amor homoafetivo/homoerótico, diferente do que acontece com **O Ateneu** em que o tema aparece diluído em outras temáticas. Pertencente à estética

Naturalista, **Bom Crioulo** é reconhecida como a primeira obra de temática homoafetiva da literatura nacional. Na obra, um outro marcador é bastante importante para a sua compreensão, um dos personagens é negro, ou seja este vai ser duplamente marginalizado. Todo o livro oscila entre um elogio e condenação do amor gay, mas ao final com o trágico desfecho percebemos como o livro estava ancorado nos discursos repressores do século XIX.

As obras analisadas foram escritas em uma sociedade de tradição profundamente androcêntrica e patriarcal e marcadas pelo binarismo sexual e heterossexualidade normativa. Ao interpretarmos essas obras sob a ótica da crítica literária de orientação feminista e dos estudos de gênero (*gender studies*), chegamos a uma nova chave interpretativa que não era possível na época de publicação das referidas obras, tendo em vista que os estudos de gênero se desenvolveram e ganharam espaço, na crítica nacional, apenas na década de 70 do século XX. Para nos auxiliar na tarefa de analisar os personagens não heterossexuais e a sociedade patriarcal da segunda metade do século XIX recorreremos a teóricos e textos das mais diversas áreas do saber humano, entre eles Barthes, Bordieu, Cixous, Culler, Foucault e Schimidt.

Mesmo que outros trabalhos que tenham abordado a questão da homoafetividade nas obras analisadas, como por exemplo a dissertação intitulada **Espaços homossociais e a representação do sujeito homoerótico em Bom-crioulo e o Ateneu** de Romualdo dos Santos Correia e outros artigos, esse nosso trabalho apresenta certo ineditismo, pois distancia-se dos demais por privilegiar a construção do personagem a partir da caracterização feita pelos narradores e do contexto social, diferenciando da dissertação citada que privilegia o estudo do espaço homossocial na construção do sujeito.

Mesmo consciente de que a presente análise “não tem como escapar das armadilhas” da linguagem, da influência, direta ou indireta dos chamados “discursos do poder”, o que pretendemos é tentar desvelar um pouco essas ideologias que impregnam uma faceta tão importante da sexualidade humana, mostrando como elas se apresentam no cenário de nossa literatura: Como o homoerotismo aparece nos textos literários? Que tipo de papel cabe ao sujeito homossexual nas tramas das obras analisadas?

2 COTIDIANO, NORMA E TRANSGRESSÃO: ENTRE A HISTÓRIA, A LITERATURA E A SOCIEDADE

[...] A literatura faz ressaltar a perspectiva histórica que embasa os acontecimentos. Toda narrativa é, fundamentalmente temporalidade, passada ou presente, sucessão de acontecimentos que ocorrem a um indivíduo-personagem, que deve agir num determinado espaço e contracenar com outros personagens.

O discurso narrativo sempre cria, inventa uma representação verossímil de um mundo, o que significa que ela expressa também um imaginário e uma mentalidade, ou visão de mundo ou ideologia, esta última no sentido comum do termo. [...] porque toda narrativa, qualquer que seja, apresenta um embasamento histórico para a criação de mundos fictícios.

(VICENTINE, 2007, p. 1)

2.1 Do auge ao declínio: o catolicismo como regulador da sexualidade

Segundo Ambrose, a Grécia Antiga, por volta do ano 500 a. C., “uma sociedade na qual até mesmo os deuses – Zeus, Dioniso e Afrodite – favoreciam casos amorosos com ambos os sexos, os meros mortais se mostravam igualmente liberados da moderna convenção sexual” (AMBROSE, 2010, p.13), pois, naquela época, as referências culturais eram bem distintas das atuais. Contudo, essa relativa liberação do corpo e da sexualidade não implica no fato de que não existisse uma norma, uma conduta a ser seguida.

Segundo Dover (2007), em Atenas, o jovem, que tinha mais 12 anos e menos de 18, poderia ter sua iniciação sexual com homens mais velhos, embora essa prática não fosse consenso em toda sociedade. Essas relações tinham caráter pedagógico, no qual o amante iniciava sexualmente o amado, mas o mais velho sempre deveria ocupar a posição ativa, e o jovem a posição passiva, pois assim ele conduziria a relação.

Para dar coesão às tropas em Esparta, uma sociedade guerreira, os soldados do exército eram incentivados a terem relacionamentos entre si como parte do treinamento da disciplina militar.

De acordo com Foucault (1997 p. 21-36), no Império Romano, os homens, tinham contato sexual entre si como algo “natural” ou, pelo menos, não repudiado pela sociedade. No entanto, a aversão a homens efeminados já existia na Grécia e em Roma e os tabus em torno da passividade sexual masculina também. As casas de banho público e os atos sexuais praticados nelas continuaram em funcionamento até o século XVI, momento em que foram fechadas, pois houve um acirramento na busca, por parte da Igreja, em função do movimento de Contra Reforma, em combater os pecados e as heresias. O Concílio de Trento e o braço reformador católico adotaram um novo dispositivo, em que mais que reprimir o sexo, esse deveria ser assunto de confissão. Sendo assim, anualmente, nas igrejas, “toda a verdade” sobre o sexo deveria ser narrada por meio de uma minuciosa arte do transpor os desejos para o nível do discurso.

Com a ascensão do Império Romano, as atitudes em relação à homossexualidade mudaram, e o sistema mestre-pupilo do “amor grego” perdeu seu consentimento. No entanto, a homossexualidade continuou livre de qualquer controle social ou legal. Depois de se estabelecer como um Estado marcial e altamente eficiente, Roma, gradualmente, se tornou mais relaxada e libertária em suas visões e seu comportamento. O historiador inglês Edward Gibbon afirmou, na sua mais célebre obra **Declínio e queda do império romano** que, dos 12 primeiros imperadores romanos, apenas

Claudius (10 a.C.- 54d.C.) era exclusivamente heterossexual, tendo sido criticado por seu próprio historiador Suetônio (69-122 d.C), em seu **livro A vida dos doze Césares**, por ser muito restrito em seus gostos sexuais. O casamento masculino também se tornou popular: em 65 d. C., o imperador Nero (37-68 d. C.) desposou Sporus, um lindo jovem. Esse não foi um evento isolado, porque existem registros literários, deixados pelo poeta Juvenal (55-127 d. C.), que de forma rápida e irônica registrou, em seu diário, um episódio semelhante ao juntar-se a um cortejo de celebração na rua: “[...] nada especial, apenas um amigo se casando com outro homem, com a presença de um pequeno grupo.” (AMBROSE, 2010, p.15)

Até então, os homens que nutriam interesse por outros homens não podiam ser considerados transgressores, uma vez que não havia uma norma que os rejeitasse ou proibisse da prática da homossexualidade. Porém, a ascensão do Cristianismo trouxe graves consequências para essa situação as quais sofremos até hoje, no século XXI. Dentre elas, podemos citar a perseguição pública a homossexuais, o isolamento social, uma vez que muitos deles eram expulsos de suas famílias tendo de viver isolados, em condições miseráveis, longe dos centros urbanos; e a tortura física e psicológica, pois passavam por situações vexatórias de humilhação, eram estuprados e espancados, como forma de expurgar os pecados.

Depois que o imperador Constantino (morto em 337 d. C.) se converteu ao Cristianismo, em 313 d. C., a tolerância, e até mesmo o interesse em relação à homossexualidade na Antiguidade, foi diminuindo. A fundamentação da Igreja para atacar a homossexualidade parece ter sido, principalmente, de um verso do Livro de Levítico, o livro das Leis, no Antigo Testamento, que parecia ordenar a perseguição aos sodomitas. Na verdade, a Igreja recentemente vitoriosa procurava dominar a vida social em todos os seus âmbitos, inclusive na sexualidade. Logo, as relações entre pessoas do mesmo sexo foram proibidas por serem “contra a natureza”, e a morte ou banimento tornou-se punição para esse crime. Novos decretos promulgados por Teodósio, o Grande (347-395 d.C.), no ano de 390 d.C., especificamente, prescreviam a morte para aqueles que assumissem o papel passivo na sodomia. A execução na fogueira tornou-se a execução padrão para a mesma ofensa cinquenta anos depois. A partir de então, a Igreja Católica cresceu bastante. (AMBROSE, 2010, p.15-16)

Mesmo com seu cisma e a criação das igrejas protestantes, as sanções e interdições em relação ao relacionamento de pessoas do mesmo sexo continuaram, uma vez que o que normatiza(va) a conduta sexual é (era) o Cristianismo.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica se apresentou como uma organização totalitária na qual “qualquer desvio em relação ao seu rigoroso funcionamento (ritos específicos, transgressão da hierarquia, etc) era visto como uma heresia à ordem temporal divinamente ordenada e não podia, portanto, ser tolerada.” A heresia, no século XIII, era vista como uma opção escolhida pela percepção humana, contrária à Sagrada Escritura.

Acreditava-se que o sexo deveria servir unicamente e exclusivamente para procriação humana, sendo proibida qualquer outra forma ou motivo para o ato sexual. Quando o sexo não tinha como finalidade a perpetuação da espécie, ele era visto como um grave delito contra a natureza. Nos casos em que a Igreja Católica considerava o sexo como pecado contra a natureza estão, por exemplo, a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo e a masturbação. (MISKOLCI, 2005). Conforme os ensinamentos, no século IV, de Santo Agostinho, que escreveu uma definição de “amor bestial”:

Pecados contra a natureza, por conseguinte, assim como o pecado de Sodoma, são abomináveis e merecem punição sempre que forem cometidos, em qualquer lugar que sejam cometidos. Se todas as nações os cometessem, todas igualmente seriam culpadas da mesma acusação na lei de Deus, pois nosso Criador não prescreveu que pudéssemos utilizar uns aos outros dessa maneira. Na realidade, a relação que devemos ter com Deus é ela mesma violada quando nossa natureza, da qual ele é o Autor, é profanada pela lascívia perversa. (AGOSTINHO, 2001. p.155)

Para Naphy, (2006, p. 65-90), durante os séculos V ao VII, a figura do homossexual ainda era vista como a de um pecador que poderia ser reeducado, pois ele ainda tinha chances de mudar de condição; era necessário apenas o indivíduo querer e se penitenciar. O sistema de penitências era a materialização dos ensinamentos de Cristo. Era a chance que os pecadores tinham de expiar seus pecados pela mortificação da carne, pela reflexão sobre sua gravidade e pela decisão de não cometer novamente o mesmo erro. As penitências mais pesadas estavam reservadas aos transgressores da sexualidade. Os castigos variavam conforme o sexo do penitente, a cor, o *status* social e a condição civil.

Ainda de acordo com Naphy (2006, p. 90-115), do século VIII ao X, a situação para o homossexual foi ficando cada vez mais difícil e essa prática sendo considerada cada vez mais um pecado maior. O homossexual que ocupava a posição de passivo, ou seja, a do penetrado, era visto como um monstro, um ser polimorfo, e a esse era destinado uma conduta mais severa no tratamento do pecado. Já o homossexual que ocupava a posição de ativo, ou seja, o penetrador, era visto como um desviado, um indivíduo a ser corrigido, pois ele ainda não teria perdido sua masculinidade, apenas estaria com um desvio no seu objeto de desejo. Esse desvio era atribuído a forças ocultas, sendo ainda possível sua correção. Nesse caso, a conduta adotada para tratar esse sodomita era mais branda.

Segundo Vainfas (1986), Nos séculos XI e XII, a Igreja Católica impõe regras morais mais restritivas, como no caso dos leprosos, prostitutas e homossexuais que deveriam ser banidos dos centros urbanos, pois a Igreja estava iniciando uma campanha de combate ao casamento de padres e da homossexualidade entre o clero. Junto a essa medida veio a institucionalização do matrimônio como um sacramento religioso. Para isso, a Igreja impôs algumas regras como o casamento monogâmico e indissolúvel, que foram bem recebidas dentro das grandes cidades.

Todos esses movimentos e táticas da Igreja para defender seu patrimônio e seus fiéis acabaram por ser um dos motivos de, no século XII, esta última instaurar a Inquisição.

Assim, segundo Vainfas, (1997, p. 152-169) , a Inquisição era um instrumento político e religioso, que procurava manter a ordem social e religiosa. A homossexualidade, que até então era vista como um pecado penitenciável ou um desvio de conduta, agora passa a ser um pecado mortal. Um dos motivos que levou a Igreja a mudar de postura frente aos atos de homossexualidade foi o argumento de que “esses seres”, os homossexuais, eram nocivos à instituição do casamento. A Igreja intensificou a vigilância em torno da sexualidade e estabeleceu normas para o sexo. Era proibido o coito anal, seja em homens ou mulheres, mesmo dentro do casamento, pois essa configuração de sexo lembrava a dos animais. A pessoa flagrada nesse ato era condenada pelo crime de bestialização. Dentre os pecados mais recorrentes dessa época estavam a masturbação, masturbação mútua, homossexualidade e a bestialização ou animalização, nessa ordem de gravidade.

No Brasil, a Inquisição fez algumas vítimas durante o Período Colonial, a maioria sob acusação de sodomia e de necromancia, embora nem todas tenham sido mortas pela fogueira da Inquisição, ou por outros meios de torturas. A grande maioria foi apenas com a prisão perpétua, morrendo nas cadeias da então colônia portuguesa.

Durante os séculos XVIII e XIX, a Igreja Católica foi para o Brasil a formuladora e ditadora de regras, normas e imposições. Na verdade, desde as origens do Brasil, o eurocentrismo prevaleceu; pois durante o Período Colonial, o Brasil vivia sob a tutela de sua metrópole, Portugal e, por ser colônia, não formulava suas leis, suas normas – tudo era importado de Portugal que, naquela época, era um país que sofria grande interferência da Igreja Católica, sendo suas leis e normas submetidas ao crivo

dela. Conseqüentemente, todas as suas colônias deveriam ser subordinadas a essas regras. Outro exemplo de que a Igreja esteve presente desde o início da colonização brasileira foram as expedições jesuíticas que catequizaram os povos nativos, os índios.

Dessa forma, as instituições Igreja e Estado confundiam-se enquanto instituições legitimadoras do poder e normatizadoras dos corpos e das mentes. Ambas tinham pretensões de regular os princípios organizadores da incipiente sociedade brasileira e conquistar a consciência dos sujeitos, bem como deter o monopólio do capital simbólico no imaginário social (EMMERICK, 2013, p. 05).

Em 1824, a constituição brasileira instituiu o catolicismo, oficialmente, como religião do Império, em seu artigo 5º da Constituição:

Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo.

Acerca desse assunto, Alencar (1996), nos fala que influenciados pela laicidade francesa e norte americana, Rui Barbosa e Benjamin Constant, coautores da constituição da Primeira República, e com uma insatisfação da população devido acreditarem que a Igreja estaria impedindo o progresso científico e social, foi feita, constitucionalmente, a separação entre Igreja/Estado.

No Rio de Janeiro, ao final do século XIX, não só a religião católica perseguia e condenava os atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo, mas a sociedade como um todo. Outras instituições/órgãos também condenavam os homossexuais, como a medicina, os cientistas e o direito penal. O deslocamento da família tradicional campesina para os centros urbanos fortaleceu as tradições heteronormativas apregoadas pela Igreja.

2.2 Vida social e momento histórico do Rio de Janeiro na última metade do século XIX

A sociedade brasileira, durante a segunda metade do século XIX, passou por inúmeras mudanças nas mais diferentes esferas sociais e culturais, culminando, assim, em uma nova forma de o ser humano conceber o mundo. Embora a grande maioria da população não visse nem entendesse as reais transformações pelas quais o país estava passando, entre

o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o Brasil deixou de ser uma sociedade monárquica escravista para se tornar uma sociedade livre e republicana, mas moralmente conservadora e racista. As mudanças geraram reflexões teóricas e romances, os quais, a despeito das diferenças de forma, confluíram para uma mesma maneira de compreensão do país e seus problemas fincada do diagnóstico de degeneração. (MISKOLCI, 2005, p. 44)

A Abolição da escravatura, a queda da Monarquia, a ascensão da República, o avanço progressivo da medicina higienista, os movimentos separatistas, entre outros, influenciaram para que as mudanças acima supracitadas ocorressem, principalmente, no setor econômico, visto que, entre os anos de 1850 e 1860, o Brasil passou por um intenso processo de industrialização e modernização em diversos setores. Nesse sentido, foram criadas agências bancárias, fábricas de bebidas, sabão, tecidos de algodão, chapéu, produtos que até então vinham do exterior, e o transporte público, que até então era inexistente, inclusive nas grandes cidades.

Todo esse processo de industrialização possibilitou, com o passar dos anos, que províncias como as de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais se tornassem polos de atração para os colonos que, espremidos pelo latifúndio, se deslocassem para a cidade à procura de uma vida com mais qualidade, mais confortável financeiramente. Isso quer dizer que, para os grandes fazendeiros, a vinda à cidade significava, para seus filhos, que estes poderiam frequentar escolas e faculdades; ter contato com os jornais e revistas em circulação e com os pensamentos revolucionários vindos da Europa. (ALENCAR, 1996, p. 64)

Para Costa (1997, p. 37-41), o deslocamento dessas pessoas do campo para a cidade mudou e reorganizou o modo de vida nos grandes centros urbanos. As famílias tradicionais das cidades se sentiram ameaçadas, pois as famílias vindas do interior não possuíam noção de civilidade urbana e higiene. Os colégios internos passaram a receber os filhos de fazendeiros que vinham do campo com tradições bem diferentes das manifestadas nas cidades.

O trânsito de pessoas vindas de vários lugares diferentes também comprometeu a estrutura da família tradicional burguesa a qual, para se afirmar como modelo familiar, intensificou sua vigilância e sua repressão sobre todos aqueles que saíssem da “normalidade” estabelecida pela Igreja Católica, pela medicina e pelo poder judiciário.

Segundo Alencar (1996), com a libertação dos escravos, a chegada de imigrantes e a vinda de famílias do campo para a cidade, intensificou-se o processo de desigualdade social e cresceu o número de cortiços e de pedintes nas grandes cidades. O Rio de Janeiro, capital do Império, exerceu o papel de polo de atração para muitos escravos libertos e outras pessoas que procuravam uma melhor condição de vida. Mas seu mercado de trabalho era insipiente e não possuía condições de absorver essa mão-de-obra, causando o surgimento de grande contingente de desempregados e subempregados; mão-de-obra infantil e feminina era usada de forma indiscriminada, com uma jornada de trabalho que podia chegar a 16 horas diárias, e não havia nenhuma regulamentação salarial para isso. Proliferou-se, assim, grupos que vagavam pelas ruas vivendo de forma considerada escusa, e a consequência dessa falta de empregos foi o aumento no número de crimes, como prostituição, roubos e furtos.

Enquanto a elite (branca) urbana almejava a estabilidade social e política, negros empobrecidos, camponeses e imigrantes continuavam a inundar a cidade, vindos das áreas rurais circundantes e de outros estados, em busca de emprego ou de uma forma de ganhar dinheiro. Do mesmo modo, no final do século XIX, a vinda da imigração europeia para as Américas, especialmente portugueses, contribuíram para o dramático e desordenado crescimento da cidade. Entre 1872 e 1890, a população do Rio de Janeiro praticamente duplicou, saltando de 266.831 para 518.290 pessoas. No censo de 1890, o novo governo republicano registrou 238.667 homens e 184.089 mulheres residentes na capital da nação. Entre a população nativa, havia uma proporção relativamente equilibrada de 159.393 homens para 151.428 mulheres. (GREEN, 2006, p.51-52)

O Rio de Janeiro era uma cidade heterogênea (para não falar muito desigual), com grandes casas ao lado de residências simplórias em bairros pobres e periféricos. Na rua do Ouvidor, podiam-se encontrar as últimas novidades europeias, sobretudo, de Paris, mas a febre amarela, a varíola e outras doenças periodicamente dizimavam a população mais pobre, normalmente formada por antigos escravos, camponeses, nortistas e imigrantes que vinham tentar a sorte no Brasil. Ao mesmo tempo, uma aristocracia culta e exigente povoava os salões e os espetáculos de ópera. (ALENCAR, 1996, p. 64-89)

Segundo Alencar (1996), eram crescentes as desigualdades sociais e econômicas que eram justificadas pelo viés racial e sexual, ou seja, os negros, mulheres e homossexuais eram sumariamente excluídos das rodas públicas de discussão, enquanto homens heterossexuais e brancos levavam uma vida boemia e faziam

discussões sobre política e cultura. Ao negro era reservado o espaço da senzala. Mesmo com a abolição da escravatura, pela Lei Áurea, em 1888, o negro continuou confinado no espaço subalterno, nas senzalas, não mais como escravo, pelo menos oficialmente, pois recebia um salário apenas para seu próprio sustento. Quando conseguiam ou preferiam se aventurar nas grandes cidades, eles ocupavam cargos de pouco prestígio na sociedade, como marinheiros, guarda de controle social, trabalho semelhante ao que desempenha um guarda municipal hoje.

De acordo com Del Priore (1997, p. 28-35), as mulheres tinham seu lugar reservado na vida privada: sua atuação se restringia ao âmbito doméstico-familiar, cumprindo o papel de esposa subserviente e de mãe. Quando passaram a trabalhar nas fábricas, devido à necessidade de mão de obra e à crise financeira que assolava o Império, elas tinham uma jornada de trabalho bem superior à dos homens e com um salário muito inferior, chegando, às vezes, a ser menos da metade do que um homem recebia pelo mesmo serviço e tempo de trabalho.

Sem dúvida, a condição do homossexual foi sempre marginalizada, desde o surgimento dos termos linguísticos que os designavam (designam) até na sua vivência cotidiana.

Do século XVIII ao século XIX, a palavra “invertido” passou a ser usada como um termo para designar sujeitos homossexuais. Segundo Badinter (1993, p. 32), “invertido” associa-se a “efeminado”, portador de uma inversão sexual. A concepção e definição do termo homossexualidade só seriam mais empregadas décadas depois.

Em 1869, surgiram o termo homossexual e as abordagens sobre os aspectos da sexualidade desviante com mais rigor e precisão. Até aquele momento, a conceituação de homossexualismo, enquanto categoria linguística e científica, apresentava-se sob uma ótica mais rigorosa e subjetiva. (TREVISAN, 2000, p.177-178)

Durante décadas, a relação entre pessoas do mesmo sexo foi vista como doença, sendo marginalizada e perseguida pela sociedade. No Brasil, os homossexuais eram excluídos da vida social, não tendo espaço nas mídias, quando isso acontecia era sempre de forma pejorativa, aparecendo como bandidos ou delinquentes.

2.3 Projeto médico e sexualidade

No Brasil, a primeira tese sobre medicina com a temática relacionada a sexo foi defendida em 1834 e, até o final da década de 70 do mesmo século, seguiu, em seu conjunto, a mesma linha teórica baseada na observação de sintomas, enquanto a origem das doenças era atribuída às condições climáticas, aos desregramentos sexuais e alimentares, a estados emotivos ou germes provenientes de esgotos, etc.

O Racionalismo, movimento que surgiu entre os séculos XVII e XVIII, contribuiu para que as explicações religiosas reforçassem os conceitos científicos. O médico passou a ser inserido no ambiente das famílias e a orientar os comportamentos considerados adequados à saúde, inclusive aqueles relativos à sexualidade. (FARIAS, 2010, p.3)

Procurando regulamentar e estruturar o crescimento e a ocupação da cidade do Rio de Janeiro, a medicina se aliou à classe dirigente estatal e firmou seu papel político durante a segunda metade do século XIX. Simultaneamente a essa frente, o médico se apresentava às famílias como medidor entre modificações urbanas e influências estrangeiras e as mudanças a serem implementadas dentro do lar para ajustarem-se àquelas transformações.

Segundo Vidal (1985, p.38-62), a segunda metade do século XIX, sobretudo as três últimas décadas, aceleraram esse processo e dividiram o controle médico sobre o projeto urbanístico com engenheiros, engenheiros-sanitaristas e militares. Cada uma dessas classes desempenhou papel fundamental para que a ordem social fosse estabelecida e para que o progresso e o “mundo civilizado” chegassem ao Brasil. A classe médica foi responsável pela cientifização das curas de doenças, que até então eram feitas com chás, por curandeiras. Também foi a classe médica, juntamente com os engenheiros, que pensaram em um sistema de esgoto para as cidades, pois antes desses projetos as ruas eram mal cheirosas; corriam esgotos a céu aberto e, em algumas ruas, o óleo de peixe usado para ascender as lamparinas (mesmo o país já tendo a tecnologia do gás) deixava um cheiro muito forte. Foi repensada a localização dos cemitérios, que eram muito próximos aos centros residenciais, ou até mesmo os mortos eram enterrados no quintal da sua casa. Enfim, com as teorias e noções de higiene trazidas pelos médicos-sanitaristas, reprojeteu-se e foi repensado a utilização dos espaços da cidade. Os militares preservavam a moral e a ordem social dentro da

República, ficando eles responsáveis de conterem os possíveis movimentos e revoltas que viessem a comprometer o trabalho dos médicos ou de qualquer funcionário a serviço da república.

“Civilizar-se” – esta foi a palavra de ordem durante todo o século. “Civilizar-se” como sinônimo de ação reguladora, normalizadora, sistematizadora, disciplinadora, modernizadora, preventiva, estruturante e regulamentar. Foi por meio desses dispositivos que a prática médica se estabeleceu e ofereceu o século XIX à “glorificação” da medicina.

Costa (1996, p.123-139) afirma que, a medicina moderna transformou bastante o cotidiano do país. Embebidos pelas ideias europeias de higiene, os médicos procuraram tratar e classificar qualquer comportamento não padrão como doença, assim todo tipo de desvio, seja moral ou sexual, era visto e tratado como uma doença, e muitas delas contagiosas, como o caso da homossexualidade. Prostitutas, loucos, inférteis e homossexuais foram os principais alvos do projeto de limpeza, de higiene da classe médica brasileira. O tratamento dado a essas pessoas variava conforme o tempo que eles apresentavam os sintomas. Aos casos mais graves, era destinada a internação e o isolamento para não contagiar o restante da população.

Em decorrência das modificações operadas pela medicina moderna no Brasil, foi necessário considerar toda prática que fugisse ao quadro de procriação heterossexual como desviante e anormal. Imaginava-se que ficariam assegurados, desse modo, o sucesso do projeto médico-familiar, a imposição da família higienizada como modelo e projeto eugênico de seleção e melhoria a ser alcançado.

Algumas teorias médicas foram fundamentais para enquadrar o homossexual na classificação dos desvios e da anormalidade, entre elas, a psiquiatria e a medicina tradicional europeia.

A psiquiatria foi o ramo médico que se destacou na constituição da “anormalidade”. Ela delimitou o seu objeto (a loucura) por meio da divisão entre a loucura e a lucidez. Essa divisão não foi realizada de um modo objetivo porque, além de outras coisas, havia um desconhecimento da suposta modificação orgânica que resultaria (ou seria resultado) da alienação mental. Sendo assim, ela se ateu a construir seu quadro de doenças por meio das condutas individuais, analisando quais seriam reprováveis e as possíveis causas orgânicas de seu desvio. (BELUCHE, 2006, p. 49)

Para Miskolci (2005), devido ao fato de manterem relações sexuais com indivíduos do mesmo sexo, os homossexuais negam a função procriadora reservada a cada sexo. O homem inutiliza seu esperma e a mulher torna seu útero improdutivo. Ambos fogem ao seu papel e ao controle do projeto familiar eugênico e higiênico. Ambos gastam suas energias em ações improdutivas e “pervertoras da sensibilidade genital”. Ambos se entregam a “paixões desordenadas” e “desnorteadores da normalidade”.

Não foi gratuitamente que o discurso sobre a sexualidade proliferou –se durante o século XIX. Já no decorrer no século XVIII, pode-se perceber a fragmentação dos discursos que, antes, eram dirigidos unicamente pela Igreja. A multiplicação desses discursos, entre outras coisas, objetivou falar sobre a sexualidade. Observa-se, então, o aparecimento da crítica política, da moral, da biologia, da psicologia, da psiquiatria, todas essas áreas intensificando a abordagem do discurso sobre a sexualidade, todas elas marcadas pelo pronunciamento constante sobre a sexualidade.

Dotado de conteúdo médico, o termo homossexual leva em conta algo que não estava presente nos séculos anteriores: o sentimento de grupo, de classe. O homossexual deixa de ser detectado individualmente para constituir um grupo homogêneo, reconhecível em sociedade. O termo surge para imprimir uma marca a um segmento que se orienta segundo práticas sexuais contrárias às exigências médicas de procriação. O termo é apropriado pela área médica que opera um deslocamento da ideia contida na área do pecado, deixada nesse campo pela concepção cristã para as áreas das enfermidades, para o discurso da patologia, dos desvios sexuais.

A medicina brasileira do século XIX deixou, na sociedade, o pensamento das relações heterossexuais como símbolo de normalidade e saúde, e das homossexuais como desvio, doença.

O saber médico se apresentou como um saber polivalente. Ele penetrou em todas as estruturas da vida social, prescrevendo, como saber normalizador, as condutas normais e patológicas, e desqualificando, de antemão, todo o saber que não o seu como um “falso” saber. A medicina caracterizou-se como medida de todas as coisas. (BELUCHE, 2006, p. 55)

Todos os conceitos de normalidade e de anormalidade passavam pelo crivo da medicina, seja ela biológica ou psiquiátrica, por isso, a união entre o estado, medicina e direito foi tão prejudicial aos grupos não hegemônicos. E esse pensamento normalizador vai

se refletir nas produções artísticas da época, sobretudo na literatura, que vai adotar um modelo mais realista, mais próximo do real para suas obras.

2.4 A Literatura e a influência da comunidade científica

O Realismo foi a escola literária que esteve em voga, no Brasil, nos derradeiros anos do século XIX e início do século XX. A tendência realista, na literatura, tem como projeto observar e documentar a realidade social. O Realismo se apura na análise da força das instituições sobre o indivíduo, no retrato das instituições sobre o indivíduo, no registro das relações humanas permeadas de interesses, na introspecção psicológica. Todas essas características podemos encontrar na obra em análise - **O Ateneu**.

A corrente realista, que já tinha ganhado popularidade na Europa, também ganhou espaço no Brasil, uma vez que a sociedade e os literatos já estavam cansados da passividade e da alienação dos escritores românticos frente aos problemas da realidade social. Sobre essa questão, Aluísio de Azevedo, autor brasileiro, afirma:

A palavra escrita que antigamente era instrumento de poetas lamuriosos e de novelistas piegas e imorais, serve hoje para demonstrar um fato, desenvolver uma tese, discutir o fenômeno (apud THOME, 2004 p. 156)

Pelo exposto acima, podemos perceber que o Realismo ansiava por uma arte mais preocupada com o real e que pudesse servir como forma de denúncias das mazelas sofridas, por muitos, na sociedade brasileira de então. Ele traz uma descrição mais precisa da realidade, uma narrativa detalhada, uma linguagem próxima à da falada no dia-a-dia, a relação dos homens e os motivos que movem sua conduta, cedendo espaço à análise psicológica:

...a psicologia moderna começa com a descrição do conflito íntimo da alma – de uma dissensão que não pode ser simplesmente reduzida a um antagonismo interior definido. [...] o aspecto de “você não é o que parece ser” converte-se agora na norma psicológica e o estranho e insólito, o demoníaco e inescrutável no homem é considerado doravante o pressuposto de sua significação psicológica (HAUSER, 1998. P. 872-3)

O Realismo, antenado com as novas tendências científicas se aproveita do avanço no campo da psicologia, psicanálise para fazer uma maior incursão no subconsciente dos personagens, como nos elucidava Hauser, exemplificado no trecho transcrito acima.

Renné Wellek, escrevendo sobre o Realismo, fala sobre essa nova estética narrativa:

A caracterização notável do texto impresso do século XIX não é a sua vulgarização nem sua mediocridade, mas, antes, a sua especialização. Esse texto impresso não é mais dirigido a um público uniforme ou homogêneo; ele se divide entre os públicos e, conseqüentemente, divide-se por muitos temas, interesses e propósitos (WELLEK, 2003, p. 120)

Ainda sobre o Realismo Wellek afirma, o “escritor não é apenas influenciado pela sociedade: ele a influencia. A arte não meramente reproduz a vida, mas a modifica. As pessoas podem moldar as suas vidas pelos padrões dos heróis fictícios” (WELLEK, 2003, p. 124). Há, assim, um jogo de reciprocidade entre ficção e realidade. No caso do Realismo, podemos, talvez, afirmar que encontramos a real descrição da sociedade e dos seus costumes, se partirmos do pressuposto de que os escritores visavam comunicar ao leitor seu sentimento da realidade por meio da observação, constituindo, suas obras em um importante documento da vida social brasileira.

A homossexualidade e o homossexual foram estigmatizados por nossos literatos, refletindo a mesma cruel ideologia dominante em suas épocas, sobretudo no período do Realismo/Naturalismo, que rotulava os homoafetivos de pecadores, vergonhosos, errados, imundos, sátiros, decaídos, malditos. Nessa época os tratados de medicina forense rotulavam os gays de sodomitas, pederastas, desviados, perversos; cabendo à polícia a às “delegacias de costume” prender e maltratar esses infelizes delinquentes e marginais.

Inserida nos acontecimentos nacionais e recebendo os reflexos de fatos europeus, a “geração de 70” desenvolveu uma concepção engajada e de combate às mazelas sociais e aos devaneios românticos. Essas concepções foram assimiladas a partir das teorias concebidas na Europa, cujos fundamentos foram integrados ao pensamento intelectual brasileiro. Assumindo posição política contrária à Monarquia e a favor do liberalismo, da República e da abolição, os “intelectuais de 70” apressaram a

ruptura com a tutela imperial e tentaram encaminhar, com independência, suas ideias filosóficas e literárias.

Foram fundados, desse modo, dois portos de entrada e ressonância das ideias europeias: o Realismo e Naturalismo literário e o cientificismo médico; estes se destacaram em divulgar, em terras brasileiras, as pesquisas científicas e as novas ideologias europeias – a da superioridade da raça branca, projetos urbanísticos e sanitários, determinismo e seleção natural são apenas algumas das ideias divulgadas. A literatura cumpriu papel fundamental nessa divulgação, pois ela chegava à população leiga com mais facilidade do que os tratados médicos. Sendo assim, ela cumpriu um importante papel de popularização das ideias científicas que, acolhidas aqui, foram logo “aclimatadas” ao terreno.

O Naturalismo, enquanto concepção teórica de cunho científico e racionalista, entrou no Brasil junto com os viajantes das expedições europeias. Entretanto, as duas linhas gerais – determinismo e evolucionismo – foram difundidas por meio da “geração de 70”.

A respeito da compreensão mais geral dessa corrente, transcrevemos as palavras de Lilian R. Furst:

Na sua origem o “Naturalismo” foi utilizado na Filosofia antiga para denotar o Materialismo, o Epicurismo ou qualquer forma de secularismo. Durante muito tempo foi esse o sentido geral da palavra. O naturalismo do século XIX, tal como foi elaborado pelo pensador Holbach, era um sistema filosófico que via o homem vivendo exclusivamente num mundo de fenômenos percebidos, uma espécie de máquina cósmica que determinava a natureza, em resumo, um universo destituído de forças transcendentais, metafísicas ou divinas. [...]

Em todas as acepções mais antigas, o Naturalismo é retratado como um homem com um interesse predominante pelas suas manifestações naturais e leis físicas. No princípio do século XIX o mundo era concebido como um organismo vivo e unificado de animais, plantas, estrelas e pedras, participando todos na vida do Universo. (FURST, 1971, p 76)

A visão de naturalismo que a Autora nos apresenta é histórica, fazendo um breve levantamento do sentido da palavra naturalismo e seu emprego dentro das artes. Ao falar sobre o mundo como organismo vivo, percebemos que a ideia apresentada por ela está em consonância com o que vimos sobre o Naturalismo. Acreditava-se que o mundo era um todo organizado, e cada ser vivo era uma parte desse todo. Por isso, as

ideias de evolução e hereditariedade ganharam força, pois cada ser descendia de outro, e estabelecendo uma constante evolução.

O determinismo, formulado por Hyppolyte Taine (1828-1893), preocupou-se em estudar as causas que orientam os fatos. Para Taine, “[...] pouco importa que os fatos sejam físicos ou morais, eles sempre tem suas causas” (TAINÉ, apud THOMÉ 2004, p. 201) Tendo em vista o que determina essas causas, Taine levantou três fatores: a raça, que implica as disposições congênicas e hereditárias do homem; o meio, ou o ambiente físico e geográfico onde certa raça vive; e o momento, isto é, a circunstância que possibilita a ação dos fatores anteriores sobre o indivíduo.

Dentro da visão tainiana, a literatura foi concebida como expressão e produto do meio social. Por conseguinte, a estética literária naturalista abordou o texto como reflexo documental, “[...] ao representar a sociedade e a natureza que as produziram.” (FURST, 1971, p.78)

Derivada do determinismo, e de par com teorias racistas remanescentes do século XVIII europeu, a concepção etnográfica tomou o fator raça para explicar a dependência cultural e a tendência de imitação ao estrangeiro como via de formação das literaturas de países tropicais. A etnografia oitocentista, baseada em uma rígida hierarquia arianista, condena os portugueses como incapacitados para a civilização, por terem origem latina. Ao estabelecerem em terras americanas e incentivarem a mistura racial com os negros e índios, o português prolongou a escala de degeneração ao dar origem a uma raça considerada sem originalidade e de baixa produção intelectual. Por esses motivos, os mestiços estavam fadados à imitação. Uma forma de remediar essa situação, apresentada por Silvio Romero, seria o branqueamento da população, por meio do contato sexual e reprodução com os povos de origem nórdica europeia.

Paralelo ao determinismo, o evolucionismo teve como maior divulgador Hebert Spencer (1820-1903). Esse pensador fundou sua teoria na defesa da livre concorrência e na competição como formas de contribuição para a evolução e o aperfeiçoamento da ordem social. De formação liberal, Spencer encarava a sociedade como “[...] um corpo que tem órgão de nutrição, circulação, coordenação e reprodução, muito parecido com os dos indivíduos.” (MAX apud THOMÉ, 2004, p. 57)

A evolução social aconteceria através de especialização daqueles órgãos de integração entre indivíduos e instituições. Em nível acadêmico, a ciência evolucionista justifica a crítica e a polêmica como formas de propagar novas ideias, aperfeiçoar o

arcabouço cultural e “[...] contribuir para o processo de seleção e depuração das obras e escritores.” (VENTURA, 1991, p. 67)

Assim, de acordo com Sevcenko (2003), essas teorias correspondem, no que tangem o nível europeu, a um movimento de “vanguarda científica” que eclodiu no início da segunda metade do século XIX e teve repercussão em todo o cenário ocidental, com variações específicas, a partir da década de 70. Essa “vanguarda científica” efetuou-se em três frentes: a mudança de mentalidade, com a nova explicação para o surgimento, existência e desenvolvimento da espécie humana proposta por Darwin (frente existencial); a mudança sanitária, com o desenvolvimento da microbiologia, a explosão demográfica e a urbanização maciça (frente médica); e a mudança tecnológica, com a II Revolução Industrial (frente técnica).

Ainda segundo Sevcenko (2003), a mentalidade cientificista alterou o modo de percepção da relação natureza-homem. Para o homem romântico, a natureza era vista como paisagem exuberante, um meio harmônico ao qual o homem se integrava, um ambiente idealizado e mitificado de onde extraía a força. Em contrapartida, para o naturalista, a natureza era percebida como espaço físico amplo, do qual o homem fazia parte como peça integrante, passível de sua força determinista. O homem naturalista estava inserido em um universo de fatores aos quais estava sujeito.

Junto a essa transformação no sistema de percepção do homem em contato com a natureza, pode-se visualizar um painel globalizante no qual aquela mudança está inserida, com uma gama de elementos que favorecem a tomada de posição independente por parte do grupo intelectual: os acontecimentos nacionais ocorridos na passagem da década de 1860-1870, que alimentaram a desilusão crescente com o sistema monárquico; a passagem do sistema familiar de caráter patriarcal para semipatriarcal, acarretando um relativo afrouxamento nas relações familiares; a penetração maciça de ideologias liberais de maior atuação e a do jornalismo em relação ao período anterior; a gradual insistência em medidas de cunho urbanizador; enfim, a iniciativa de atrelar o papel do crítico, do escritor e do filósofo ao processo de evolução civilizatória da sociedade brasileira, por meio de polêmicas e debates como forma de aperfeiçoar o desenvolvimento das letras nacionais. Esses fatores contribuíram para o segundo movimento do grupo intelectual e favoreceram o aparecimento da estética naturalista no país. Desse modo, afirma Sevcenko:

O realismo e o naturalismo representam a sociedade multifragmentada, em que, havendo sido rompido o sistema de hegemonia de uma elite uniforme, vários grupos sociais se veem encorajados a conceber a sociedade a partir de sua perspectiva particular. Calcadas sobre uma realidade de intensificações das operações econômicas, oscilação, tensão e confronto das forças sociais, essas estéticas configuram um mundo turbulento e sem posições fixas. (SEVCENKO, 2003, p. 103)

Diferentemente do Romantismo que pretendia embelezar e apresentar uma sociedade harmônica, na qual os grupos que a ela pertenciam eram representados por meio do viés da elite brasileira, da imaginação do escritor, o Naturalismo vai apresentar um trabalho empírico; vai expor a realidade vista pelas camadas mais subalternas da sociedade, dando espaço e voz aos excluídos pelo sistema literário romântico.

A análise de Alfredo Bosi sobre o mesmo período é complementar à de Sevcenko:

O romântico não teme as demasias do sentimento nem os riscos da ênfase patriótica; nem falseia de propósito a realidade, como anacronicamente poderia hoje se inferir: é a sua forma mental que esta saturada de projeções e identificações violentas, resultando-lhe natural a mitização dos temas que escolhe. Ora, é esse complexo ideo-afetivo que vai cedendo a um processo de crítica na literatura dita “realista”. (BOSI, 2006, p. 98)

Assim como o Romantismo foi a expressão da ascensão burguesa, o Realismo foi o início da sua decadência. O homem romântico, envolto em um contexto de relativa tranquilidade, prefere se abster de comentar ou criticar o social, pelo menos de forma explícita. Assim foi um importante aliado para que o povo ficasse alheio aos acontecimentos e problemas sociais, embora essa não seja a função primeira da literatura.

O romantismo tinha esgotado os seus recursos porque se limitava à falsidade, disfarçando e atenuando tudo o que pudesse chocar os espíritos; era preciso mostrar tudo, para que a verdade surgisse, e tudo abrangia também os aspectos tristes, amargos, sujos da existência, vistos imparcialmente, isto é, apenas constatados”. (SODRÉ, 1965, p. 23)

O modelo de narrar do Romantismo não atendia mais às necessidades e vontades dos leitores que queriam algo novo, condizente com a realidade a qual viviam.

Não bastava apenas falar de amores e crises existências amorosas, era preciso que a literatura desse “respostas” para os problemas pelos quais a população passava.

O desligamento da tutela imperial não se deu de uma vez só, um pequeno grupo ainda permaneceu agregado à Monarquia. Nem se deve imaginar que a atitude de independência de grande parte do grupo intelectual significava o rompimento com a identidade nacional forjada até então. Ao contrário, a luta pelo sistema republicano pregava o fortalecimento do caráter nacionalista, só que com o molde cientificista.

Mantidas diferenças estéticas e ideológicas, românticos e naturalistas tentaram representar certa estabilidade e homogeneidade sociais embora, durante a segunda metade do século, as contradições sociais estivessem mais aguçadas.

O processo de mudança na crítica literária é lento, mas constante. Até o final do século, conviveram românticos, naturalistas e simbolistas, armando um grande cenário de polêmicas, duelos e rompimentos de amizade. Mas foi uma época em que o domínio da estética naturalista foi bastante claro e visível, impondo o modelo cientificista, acusado de imitador e mimético das correntes estrangeiras.

O termo imitador é bastante tendencioso e reducionista para interpretar um movimento tão amplo como o da divulgação das ideias científicas da segunda metade do século XIX.

Se, na primeira metade do século, o discurso literário foi distinto da posição sócio-política ocupada pelo autor, na segunda metade, o escritor valeu-se da literatura como meio de difusão de suas ideias e como reflexo de sua posição ocupada na sociedade. Nascidos da desilusão com o sistema monárquico e das medidas antiliberais adotadas por este ao final da década de 1860, o utilitarismo intelectual permitiu ao literato criar as bases de validação da criação literária como instrumento de mudança social. Incentivada pela situação de distância ocupada com a relação ao poder imperial, a “geração de 70” integrou-se aos movimentos sociais e afirmou a função dos letrados no papel de críticos e contestadores.

Com um forte discurso republicano, os letrados se engajaram em uma movimentação que suplantou a desilusão pela monarquia e criou um novo sentimento: o da missão de transformação social, a confiança no poder de mudar a estrutura social fossilizada pela monarquia.

Contudo, a crítica literária evolucionista declarava-se contra a utilização da ironia, do humor e do ceticismo como formas de manifestação literária. Entendia-se que aqueles instrumentos eram tipicamente ingleses e não adaptáveis às condições do clima e da personalidade dos brasileiros. Daí o isolamento de Machado de Assis no quadro literário da época e o modo brutal como Sílvia Romero o atacou.

Como afirma Nelson Werneck Sodré, o Naturalismo “atacou a fundo, trazendo para a ficção os aspectos recônditos, violentos e orgânicos do amor. O que, antes, era apenas sentimento, passou a ser apenas fisiologia”. (SODRÉ, 1965, p. 137)

Embora a representação feita do homossexual nesse período seja extremamente caricatural, uma aberração, o pensamento corrente na época era que os seres humanos são essencialmente heterossexuais e que a tentativa de solapar essa identidade fundamental é um crime contra a própria natureza. Sendo assim, a homossexualidade seria uma escolha, não havendo diferença entre orientação homossexual e atos homossexuais. A orientação homossexual é considerada um desvio de uma virtude que está ao alcance de todo ser humano. Todo ser humano pode ser direcionado para a conduta heterossexual.

O espaço de tempo entre 1870 e 1900 foi definidor para o amadurecimento da ação contestatória e engajada do letrado. Mais especificamente, entre 1880 e 1897, a estética literária naturalista alcançou seu auge, podendo ser percebida, simultaneamente, uma aceleração no processo de separação entre o grupo intelectual e o grupo dirigente.

É bom, aqui, elucidar que o termo naturalismo foi inserido na literatura por Émile Zola, que, no prefácio à segunda edição de seu romance **Thérèse Raquin**, em 1867, o escreveu com intenção de responder às críticas de depravação e exploração da podridão humana de que é acusada sua obra; Zola demonstra ter assumido uma atitude que se tornaria corrente em outros países: a “atitude cirúrgica”, o escritor chama a atenção para a semelhança entre o papel do cirurgião e o modo como executou a preparação do romance:

A par do uso filosófico científico, e relacionada com ela, houve outra aplicação na palavra naturalista: no domínio das Belas- Artes. A partir do século XII, um pintor naturalista era aquele que não reproduzia temas histórico-mitológico, mas antes procurava retratar na tela uma imitação, tão exata quanto possível das formas reais da natureza. (ZOLA, 2001, p. 32)

Da identificação escritor/médico proposta por Zola derivam a publicação do ensaio *O romance experimental* (1879) e a penetração da metáfora organicista na estética naturalista, ambos de grande importância.

O aparecimento em público do romance experimental foi precedido pela publicação, em 1865, do livro **Introduction à l'étude de la médecine expérimentale**, do Dr. Claude Bernard (1813-1878). Integrado à filosofia positivista, o médico francês tentou “[...] transformar a Medicina, de arte intuitiva que era em disciplina científica, fundamentada apenas na observação e na dedução.” (BERNARD apud THOMÉ, 2004, p. 167)

Em 1879, Zola leu o livro de Bernard e imediatamente transpôs os fundamentos teóricos expostos pelo médico para suas formulações teórico-literárias. Talvez por isso o escritor francês propunha com naturalidade aquela transposição: “Se o método experimental pode ser transposto da Física e da Química para a fisiologia e a Medicina, ele pode sê-lo da Fisiologia para o romance naturalista.” (ZOLA, apud THOMÉ, 2004, p. 56)

Influenciado por todos esses acontecimentos aqui já expostos, o autor Raul Pompeia vai escrever **O Ateneu**, sua obra máxima, segundo o cânone literário nacional. Percebemos na obra aspectos da sexualidade, como na Grécia antiga, o protegido e o protetor, tema que certamente Pompeia conhecia, pois ele foi professor de mitologia grega, romana e cultura clássica na Escola Nacional de Belas Artes. A influência da escola Realista também é perceptível no Autor, uma vez que temos na obra supracitada um introspecção psicológica dos personagens, em especial do protagonista Sérgio, e uma descrição objetiva, sem os floreios românticos. Esses e outros aspectos serão alvos de nossa análise no capítulo seguinte.

3 A BULA MÉDICA E A VITRINE LITERÁRIA: TRANSGRESSÕES E TRANSVIADOS NA LITERATURA BRASILEIRA DE 1888-1895

“Toda composição artística é baseada numa recordação sentimental. O desdobramento, a simultaneidade do sentimento, com a anotação artística não existe. O artista poderoso é o que melhor evoca a recordação, o que melhor fonógrafo mnemônico possui dentro d’alma para guardar e reproduzir após a vibração do sentimento, em suma, que melhor corpo cênico possuir para os dramas do coração, estudados na vida real, ensaiados pela vontade artística e levados ao palco pelo talento no teatro íntimo da memória.” (POMPEIA, 2010, p. 198).

3.1 Percurso literário de Raul Pompeia

Raul d'Ávila Pompeia nasceu em 12 de abril de 1863, em Angra dos Reis, Rio de Janeiro; cometeu suicídio na noite de 25 de dezembro de 1895. Quando menino, estudou em colégio interno e foi destaque no famoso Colégio Abílio, dirigido pelo renomado educador Dr. Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas. Pelos estudos e pelas habilidades como desenhista e caricaturista, desde essa época, já se mostrava um artista transgressor, subversivo e debochado, com caricaturas que satirizavam a Igreja Católica, o Império e os escravocratas. Ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo em 1881, onde participou de correntes de vanguarda, positivistas e materialistas, o que favoreceu sua participação em movimentos abolicionistas e adeptos à República.

Segundo Broca (1957), Raul Pompeia escreveu várias obras, sendo a primeira delas intitulada **Uma tragédia no Amazonas** (1880), que passou praticamente despercebida pela crítica literária e pelos intelectuais da época. Sua primeira obra publicada no jornal e a segunda em sua carreira é **As joias da Coroa**, obra em que, anonimamente, denunciava um episódio real de furto dentro da família real e satirizava a figura de Dom Pedro II. No **Jornal do commercio**, do Rio de Janeiro, publicou, de forma seriada, os poemas em prosa do livro **Canção sem metro** (1883), publicações que chamaram a atenção dos críticos, pela inovação e originalidade da obra, mas isso não foi suficiente para alçá-lo como um grande expoente da literatura nacional. Porém, com **O Ateneu** (1888), considerada pelos críticos a obra-prima do autor, Raul Pompeia foi aclamado pela crítica e ficou conhecido nacionalmente como escritor, mesmo já gozando de certo prestígio por seus contos e crônicas publicadas no jornal em que trabalhava.

Quando **O Ateneu**, cujo subtítulo é “Crônica de saudades”, estava sendo publicado sob a forma de folhetim, Raul Pompeia tinha apenas 25 anos. A publicação deu-se entre 8 de abril e 18 de maio de 1888, mas foi interrompida a partir do dia 14 de maio de 1888, só retornando quatro dias depois, com o capítulo final – do incendiário no qual o internato se dissipa em chamas. A **Gazeta de notícias** aparece tomada, nos três dias, pela notícia da abolição da escravatura. A atenção a assunto de tamanha importância é tanta, que apenas no dia 17 os leitores do romance recebem uma informação sobre sua continuação, a ser dada no dia seguinte:

A acumulação de matéria urgente tem-nos obrigado a retardar a publicação do último trecho deste romance. O público, nos desculpará tanto mais que

temos quase pronta a edição em volume, que será publicada no correr na próxima semana. (GAZETA DE NOTÍCIAS apud MOTT 1998, p.89)

O terceiro livro de Pompeia, publicado no jornal, mereceu as colunas verticais do Gazeta de Notícias, jornal no qual o escritor trabalhava como articulista e que constituía um importante veículo de oposição, núcleo de abolicionistas e republicanos. Diferentemente de outras obras, que eram destinadas aos rodapés, concorreu quase que paralelamente com o público de **Quincas Borba** (1886 a 1891), do escritor carioca Machado de Assis, no suplemento A estação.

3.2 O Ateneu: a construção da identidade de Sérgio, no convívio do internato a partir da sexualidade e cultura

De acordo com Costa (1996, p. 123-139), **O Ateneu** foi escrito durante várias mudanças no país, tanto no contexto político como no contexto social, com crescentes trabalhos higienistas da classe médica, com a relativa diminuição do poder do patriarcado na sociedade, com as bases escravocratas enfraquecidas, enfim, uma grande mudança no cotidiano brasileiro.

Todo contexto social e o próprio contexto literário, visto que os escritos românticos não satisfaziam uma parcela do público possibilitou que surgissem obras de temas que praticamente não eram abordados pelo Romantismo, como por exemplo, a sexualidade transgressora.

Nesse mesmo período temos outras obras nacionais que tematizam a sexualidade, de forma direta ou indireta, através de seus personagens, como por exemplo, **Lucíola**, **O cortiço** e **Bom Crioulo** – este último também será objeto de nossa análise. (BALIEIRO, 2009, p. 02)

A narrativa de **O Ateneu** desenrola-se a partir da vivência de Sérgio no internato da “fina flor da mocidade brasileira”, dirigido por um pedagogo de importantes contribuições à educação brasileira: Aristarco Argolo de Ramos. Sobre sua estada nesse educandário, o narrador retoma cronologicamente suas experiências e sentimentos: a relação conflituosa com os colegas, a disciplina opressiva do diretor e dos bedéis, o interesse pelos diversos ramos do conhecimento, seus envolvimento amorosos e os demais momentos de solidão e interação com os colegas; até a destruição em chamas do internato, premeditada por Américo, o furioso colega recém-matriculado. (BALIEIRO 2009, p.6)

De acordo com Said (2007, p. 58), “[...] é possível reconhecer e construir um

arquivo internamente estruturado a partir da literatura que retrata e é parte de certas experiências históricas.”. Partindo de **O Ateneu**, podemos reconstituir processos sociais importantes que demonstram os conflitos da época de publicação do romance, especificamente, como novas formas de poder se inseriram no contexto de nossas instituições escolares, da elite, construindo socialmente corpos atravessados pelas categorias de classe, sexualidade e gênero.

Um livro anterior a **O Ateneu** já havia tratado do tema da homossexualidade e da vivência em locais fechados: **Um homem gasto** (1885), que caiu no esquecimento devido a sua “falta de literalidade” (TREVISAN, 2000 p. 287). Seu autor, o médico Lourenço Ferreira da Silva Leal, ou Ferreira Leal, fez mais um tratado de patologia que um livro de ficção. Mas a visão que nos é apresentada da instituição do internato é bem pertinente, para termos uma visão mais ampla de como eram vistos os colégios internos. “O internato”, diz ele, “[...] é fonte de incalculáveis perigos para a criança desprecavida” (LEAL, 1885, p. 174); e explica:

Arrebatada do lar doméstico e arremessada nos torpes focos sociais, denominados colégio, a criança começa a perverter-se no contato de companheiros de todas as idades, todas as procedências e propensões, muitas vezes despejadamente adestrados na impureza pelas sugestões de um professorado ignóbil.

É aí que o neófito se sente despertado curiosamente para o esboço de uma função nova, paralelo orgânico de outra indiferente. Instruem-no em processo econômico e fácil de derivação de prazeres ignotos, facilitando-lhe, no ser moral, a entrada da mais infame das depravações pela porta infecunda da procriação. (LEAL, 1885, p. 176).

Percebemos, nesse trecho, o cuidado ou o temor que o Autor, que é médico, tem ao tratar de um tema tão “escabroso” para a época; basta-nos ver como ele descreve as relações de penetração anal: “porta infecunda da procriação”. Embora seja anterior à publicação de **O Ateneu**, a descrição do colégio apresentada por Ferreira Leal, em seu livro, enquadra-se perfeitamente às situações que ocorrem no livro de Pompeia. Apesar de o internato, enquanto instituição, gozar de um *status* de ambiente elitizado e livre de influências “moralmente duvidosas”, dentro da sociedade, parece que os escritores do final do século XIX tinham uma visão bem diferente do senso comum.

A quem imaginar que o adolescente mantido no internato está longe da estrutura de característica familiar ou da indisciplina e da corrupção do caráter, o narrador, em **O Ateneu**, reproduz dois discursos aparentemente opostos, mas que se completam. No primeiro, o professor Venâncio estabelece a relação mestre-pais e

internato-lar:

O mestre, perorou Venâncio, é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. [...] A família é o amor no lar, o estado é a segurança civil; o mestre, com amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para íntima inapreciável da vontade. (POMPEIA, 2010, p. 15-16)

O mestre seria a figura na qual convergem a família e o Estado: a família entregando-lhes os filhos para serem educados e o Estado incorporando os indivíduos preparados para dirigi-lo. No entanto, o internato, instituição do mestre, não se sobrepõe à família e ao Estado; ele se interpõe entre ambos, em um mesmo nível, orientando-se como “microcosmo da sociedade”.

E não se diga que é um viveiro de maus germens, seminário nefasto de maus princípios, que não hão de arborescer depois. Não é o internato que faz a sociedade, o internato a reflete. A corrupção que ali viceja vai de fora. Os caracteres que ali triunfam, trazem ao entrar o passaporte do sucesso, como os que se perdem, a marca da condenação. (POMPEIA, 2010, p. 128)

Se, de acordo com o professor Cláudio, o internato reflete a sociedade, ele, em si, não é uma “organização imperfeita”, de “aprendizagem da corrupção”, onde “abundam as seduções perversas”, mas uma organização que congrega essas características e auxilia a separar os vencedores dos perdedores.

O discurso do professor Cláudio completa o do professor Venâncio, ao confirmar e reforçar o papel do mestre como agente intermediário entre família e Estado e o papel do internato como filtro decantatório dos maus e bons.

Com esse fim, o internato, ao mesmo tempo em que procura reproduzir elementos do ambiente familiar (aconchego, vigilância e hierarquia), aprofunda esses elementos, variando a intensidade de cada um deles. A identificação com o lar, simultânea ao reforço de traços específicos do sistema de internato, obedece a um objetivo maior, coerente com a integração família-internato-Estado: moldar o caráter do aluno e conduzi-lo para a norma heterossexual, familiar e civil.

Contudo, sabemos que essa condução é falha, dentro do internato, que deveria ser um local de normatização, de formação de indivíduos dentro dos moldes patriarcal e burguês. Os alunos e funcionários transgridem as normas internas do colégio, e as normas comuns da sociedade. Essas transgressões são de várias ordens, mas focaremos, nesta dissertação, nas transgressões sexuais. O colégio, na verdade, é

um retrato caricatural da sociedade, nele, assim como na sociedade, podemos perceber o jogo de poder e interesses e a dualidade entre controlado e controlador.

O colégio Ateneu é o universo em miniatura. Nele, cabem todos os sujeitos, amores, anseios, frustrações e toda a hipocrisia e violência mascarada da sociedade que o circunda, como uma projeção de fora para dentro, e não o oposto. O internato, por essa razão, é um microcosmo absoluto da sociedade, em que tudo aparece miniaturizado e representado, de maneira simbólica ou alegórica. O poder do diretor é o poder absoluto do Imperador; o comércio de selos entre os alunos é a representação, em forma de brincadeira, da cobiça de lucro e riqueza; as relações sexuais entre os internos constituem um desvio dos impulsos sexuais e afetivos durante a adolescência; o homicídio praticado pelo jardineiro recria dentro do colégio as transgressões radicais, sem qualquer traço de inocência, da lei; todas as crueldades, pecados e injustiças da vida adulta são praticados pelos meninos do colégio, através de delações, invejas, traições, covardias, vinganças e imposição do mais forte (masculino) sobre o mais fraco (feminino). (REIS, 1991, p. 04).

Os discentes que se encontraram na escola convivendo diariamente entre si e com todas as transgressões apresentadas acima, (até crime de assassinato) estão em uma fase da vida de formação de identidade, facilmente influenciável e pressionável.

O período denominado pré-adolescência, fase que compreende a transição entre a infância e a adolescência, é uma época conflituosa, principalmente se considerarmos as diversas mudanças pelas quais passam o indivíduo, entre elas, físicas, psicológicas e sociais. No romance em análise, passar esse período em um colégio interno masculino serviu para aumentar e catalisar os dilemas da puberdade.

O cotidiano de um educando “preso” em um internato é regrado, e o aluno tem liberdade censurada devido a imposições morais rigorosas. Assim, nas palavras de Perrone-Moisés (1998, p.98), “[...] já naturalmente aguçada pelo momento de transformação sexual que atravessam, parece exacerbar-se de modo proporcional à repressão que nesse ambiente (internato masculino) experimentam.”.

Na narrativa de **O Ateneu**, os jovens têm de viver sua sexualidade de maneira secreta, e, por conseguinte, sofrem severos conflitos psicológicos, uma vez que sua formação é orientada por princípios morais e religiosos, provenientes de uma cultura branca, burguesa e heteronormativa.

Dentre muitas características dessa “escola da sociedade”, uma, em especial, interessa-nos: o aumento das “seduções perversas”, expressão utilizada pelo próprio Autor.

O romance inicia-se com Sérgio, personagem-narrador, sendo deixado na porta do colégio Ateneu, por seu pai. Esse momento de despedida é bastante caro para Sérgio que, ao recordar seus onze anos, lembra-se com “saudade hipócrita” de sua época de escola. O alerta dado ao garoto Sérgio é bem sintomático do que será o cotidiano que ele vai enfrentar dentro do colégio:

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora”. (POMPEIA, 2010, p. 2).

Nos primeiros dias de Sérgio dentro do colégio, ele ainda continua recebendo conselho, sendo cuidado, embora essa atenção não seja igual à “estufa de carinho”; na verdade, esses cuidados têm interesses pessoais e sórdidos, mas esse interesse Sérgio só perceberá depois de algum tempo, após já ter sido vítima das pressões que o circundam no colégio. Logo no primeiro dia, um colega de classe, Rebelo, adverte-o:

Uma corja! Não imagina, meu caro Sérgio. Conte como uma desgraça ter de viver com esta gente.” E esbeçou um lábio sarcástico para os rapazes que passavam. Aí vão as carinhas sonsas, generosa mocidade... Uns perversos! Têm mais pecados na consciência que um confessor no ouvido; uma mentira em cada dente, um vício em cada polegada de pele. Fiem-se neles. São servís, traidores, brutais, adulões. Vão juntos. Pensa-se que são amigos... Sócios de bandalheira! Fuja deles, fuja deles. Cheiram a corrupção, empestam de longe. Corja de hipócritas! Imorais! (POMPEIA, 2010, p. 15).

Logo em seguida, esse mesmo Rebelo apresenta ao ingênuo Sérgio o mundo das “seduções perversas”:

Este que passou por nós, olhando muito, é o Cândido, com aqueles modos de mulher, aquele arzinho de quem saiu da cama, com preguiça nos olhos... Este sujeito... Há de ser seu conhecido [...] ali vem o Ribas, está vendo? Feio, coitadinho! [...] É a mansidão em pessoa. Primeira voz do Orfeão, uma vizinha de moça que o diretor adora. É estudioso e protegido. (POMPEIA, 2010, p16)

As reticências aqui são bem significativas e falam mais que as palavras. É importante observar o modo pejorativo, de desqualificar os outros alunos, com que Rebelo usa os termos “modos de mulher” e “vizinha de moça”. Esse recurso é recorrente durante todo o romance; na verdade, durante toda a escola naturalista quando se trata de homoafetividade ou homoerotismo. Essa dicotomia entre perfil feminino e masculino é fruto da influência do discurso médico do século XIX, de acordo com o

qual, “[...] dentro de uma relação entre homens um obrigatoriamente deve assumir o papel feminino e o outro masculino, assumindo também suas características físicas e psicológicas.” (ABEL apud TREVISAN, 2000, p. 346)

O paradigma entre passivo (fraco, afeminado) e ativo (forte, másculo) é uma tônica durante todo o livro, essa dualidade entre esses opostos complementares é fruto, também, da necessidade de categorização e tentativa de aproximar o homossexual passivo à figura feminina.

Viu aquele da frente, que gritou calouro? Se eu dissesse o que se conta dele... aqueles olhinhos úmidos de Senhora das Dores... Olhe; um conselho; faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se. (POMPEIA, 2010, p. 16)

Esse conselho de Rebelo é bem sintomático e não deixa margem para dúvida: o espaço do internato é exclusivamente masculino, para “homens fortes”; é um mundo difícil para os mais novos e para aqueles que não se enquadram no perfil de homem másculo, que era perpetuado durante o século XIX. Os sujeitos que não tinham comportamento ou apresentavam qualquer traço biológico – a voz, o corpo, o cabelo, ou até mesmo traços psicológicos – eram considerados efeminados, desviantes do padrão, da norma social. Com isso, eram excluídos e tidos como inferiores e fracos, necessitando, assim, de proteção de um ser forte, de um “homem”, como nos mostra esse excerto:

Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores. (POMPEIA, 2010, p. 16)

Os alunos mais velhos já percebem que o colégio não é uma instituição onde a moralidade, a norma e a honestidade são cultivadas entre os internos, destoando do que os pais acreditam e do discurso recheado de hipocrisia e moralismo do diretor Aristarco, como podemos conferir:

“Um trabalho insano! Moderar, animar, corrigir esta massa de caracteres, onde começa a ferver o fermento das inclinações; encontrar e *encaminhar a natureza na época dos violentos ímpetos*; amordaçar excessivos ardores; retemperar o ânimo dos que se dão por vencidos precocemente; espreitar, adivinhar os temperamentos; prevenir a corrupção; desiludir as aparências sedutoras do mal; aproveitar os alvoroços do sangue para os nobres ensinamentos; *prevenir a depravação dos inocentes*; espiar os sítios obscuros; *fiscalizar as amizades*; *desconfiar das hipocrisias*; ser amoroso, ser violento, ser firme; triunfar dos sentimentos de compaixão para ser correto;

proceder com segurança, para depois duvidar; punir para pedir perdão depois... Um labor ingrato, titânico, que extenua a alma, que nos deixa acabrunhados ao anoitecer de hoje, para recomeçar com o dia de amanhã... Ah! meus amigos, conclui ofegante, não é o espírito que me custa, *não é o estudo dos rapazes a minha preocupação... É o caráter!* Não é a preguiça o inimigo, *é a imoralidade!*” (POMPEIA, 2010, p. 12, grifos nossos)

Com esse discurso, Aristarco demonstra qual é seu principal intuito dentro da instituição que ele dirige: a disciplina moral dos estudantes, pois de nada valeria uma pessoa letrada se não tivesse modo e moral. Essa supervalorização da ética e do caráter é um reflexo do pensamento social da época, pois um desvio moral era danoso não somente para o desviado, anormal, transgressor, mas também para a família. Na passagem da configuração da família patriarcal para família burguesa, a preservação da reputação familiar é objeto de primeira ordem. E o próprio diretor sabe qual é seu principal desafio dentro do internato: combater os “violentos ímpetos” e a “depravação dos inocentes”. (COSTA, 1992, p. 97)

Em seu discurso, o diretor fala também das “aparências sedutoras do mal”. Aqui, o mal pode ser encarado como qualquer desvio da norma, tudo que foge ao contrato social de normalidade. A curiosidade, a vontade de conhecer o que lhes é interdito é o que garante que a “sedução do mal” consiga envolver os jovens ingênuos do internato. É muito comum, na literatura, jovens de “espírito fraco” serem atraídos pela força do mal do desviante. Na literatura nacional, temos, no livro *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, o caso de Pombinha, “a flor do cortiço”, uma moça impúbere, que ainda “[...] não tinha pago à natureza o cruento tributo da puberdade” (AZEVEDO, 2010, p. 31), e de Léonie, “prostituta de casa aberta”. Pombinha é por ela seduzida:

E apesar dos protestos, das súplicas e até das lágrimas da infeliz, [Léonie] arrancou-lhe a última vestimenta, e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo, a empolgar-lhe com os lábios o róseo do bico do peito (AZEVEDO, 2010, p. 93)

Em outra passagem, lemos:

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pommas irrequietas sobre seu mesquinho peito de donzela impúbere e o roçar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensitivas da sua feminilidade acabaram por afogear-lhe a pólvora do sangue, desertando-lhe a razão ao rebate dos sentidos.

Agora, espoliava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispções dos espasmos [...]. (AZEVEDO, 2010, p. 92)

E, quando tudo termina, sobrevém o sentimento de culpa, a vergonha e o remorso: “A menina voltava a si e torcera-se contrário à sua adversária, cingindo-se

rente aos travesseiros e abafando o seu pranto, envergonhada e corrida.” (AZEVEDO, 2010, p. 93)

Dois dias depois, sentia “[...] o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda quente e vermelha.” (AZEVEDO, 2010, p. 97)

Os livros **O Ateneu** e **O cortiço** foram escritos e publicados quase ao mesmo tempo; por isso, os dois escritores sofrem a mesma influência das teorias científicas e da sociedade. Devido a essa contemporaneidade, ao tratar do tema de homossexualidade, os autores são bem contidos e discretos, diferentemente do outro livro que analisaremos mais à frente: **O bom-crioulo**, de Adolfo Caminha.

A sutileza está presente em toda a obra de Raul Pompeia, repleta de imagens e jogos linguísticos; quase sempre o jogo é o do não dizer, mas apenas sugerir, como no trecho que se segue:

Depois que sacudi fora a tranca dos ideais ingênuos, sentia-me vazio de ânimo; nunca percebi tanto a espiritualidade imponderável da alma: o vácuo habitava-me dentro. Premia-me a força das coisas; senti-me acovardado. Perdeu-se a lição viril de Rebelo: prescindir de protetores. Eu desejei um protetor, alguém que me valesse, naquele meio hostil e desconhecido, e um valimento direto mais forte do que palavras. (POMPEIA, 2010, p. 21).

Rebelo já tinha avisado a Sérgio sobre o comportamento que deveria ter para ser “homem”: “Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores.” (POMPEIA, 2010, p. 16). Mesmo sabendo desse interdito, Sérgio sucumbe à tentação: durante todo o romance, o protagonista oscila entre uma figura de passividade e efeminada em relação a seus colegas e o desejo platônico por figuras femininas evocadas em suas lembranças (a prima morta) ou pela presença quase inacessível de dona Ema, esposa do diretor. Pouco a pouco ele constata:

Se não houvesse olvidado as práticas, como a assistência pessoal do Rebelo, eu notaria talvez que pouco a pouco me ia invadindo, como ele observara, a efeminação mórbida das escolas. Mas a teoria é frágil e adormece como as larvas friorentas, quando a estação obriga. A letargia mora! pesava-me no declive. E, como se a alma das crianças, à maneira do físico, esperasse realmente pelos dias para caracterizar em definitivo a conformação sexual do indivíduo, sentia-me possuído de certa necessidade preguiçosa de amparo, volúpia de fraqueza em rigor imprópria do caráter masculino. (POMPEIA, 2010, p. 21)

Essa tendência à passividade, essa efeminação quase que excessiva, esse desejo de ser frágil, essa “volúpia de fraqueza” são características que percebemos em

Sérgio, na descrição que nos deixa dos três relacionamentos mais intensos por ele mantidos durante sua permanência no Ateneu.

O primeiro desses relacionamentos deu-se com Sanches. Após um incidente na piscina do colégio, no qual quase morrera afogado, e que mais tarde ele descobre ter sido provocado pelo próprio Sanches, Sérgio, que até então nutria pelo colega “uma repugnância de gosma”, passa a tolerar sua companhia.

A franqueza da convivência aumentou dia a dia, em progresso imperceptível. Tomávamos lugar no mesmo banco. Sanches foi-se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto com uma respiração de cansaço. Para explicar alguma coisa, distanciava-se um pouco; tomava-me, então, os dedos e amassava-me até doer a mão, como se fosse argila, cravando-me olhares de raiva injustificada. Volvia novamente às expressões de afeto e a leitura prosseguia, passando-me ele o braço ao pescoço como um furioso amigo. (POMPEIA, 2010, p. 24)

Sérgio não via mal nas ações de Sanches, interpretando aquelas maneiras do colega como “simplesmente despropositadas e importunas”, ainda que notando “[...] que ele variava de atitude quando um inspetor mostrava a cabeça à entrada da sala e quando pretendia informar-me de alguma disciplina transcendente.” (POMPEIA, 2010, p. 24). Tudo isso ele assistia como uma “novíssima comédia” (POMPEIA, 2010, p. 25), mesmo quando, após a leitura de uma página de religião, Sanches lhe propôs que a repetisse “sentado aos seus joelhos”. Sérgio viu nisso nada mais que “inútil comodidade” (POMPEIA, 2010, p. 25). Já que ele nada notava, o colega viu-se obrigado a “abrir o jogo”, declarar-se abertamente. Como o fez e com que palavras não nos é dito; Sérgio descreve apenas sua reação e os acontecimentos que se seguiram a isso:

Escapou-me involuntário o riso... Abarbava-me a mais rara espécie de pretendente! Eu ria com franqueza, mas abismado. Era de uma extravagância original aquele Sanches! Hoje, ele é engenheiro em uma estrada de ferro do sul, um grave engenheiro... (POMPEIA, 2010, p. 25)

Depois de um breve período de distância, “dos dias de reserva”, o colega volta a procurá-lo:

Sanches, como os mal-intencionados, fugia dos lugares concorridos. Gostava de vaguear comigo, à noite, antes da ceia, cruzando cem vezes o pátio de pouca luz, cingindo-me nervosamente, estreitamente até levantar-me do chão. Eu aturava, imaginando em resignado silêncio *o sexo artificial da fraqueza* que definira Rebelo. (POMPEIA, 2010, p. 26, grifo nosso)

Esse grifo serve para realçarmos essa tendência inata que Sérgio demonstra por uma postura de passividade fracamente feminil. Sua demora ou relutância em perceber o que, para qualquer outro, pareceria tão claro; esse recurso por ele tão usado de se fazer de frágil e desprotegido, evidentemente servia aos colegas, pelo menos a alguns, como uma espécie de passe livre para atividades mais ousadas. É o que ocorre com Sanches:

Estimulado pelo abandono, que lhe parecia assentimento tácito, Sanches precipitou um desenlace. Por uma tarde de aguaceiro errávamos pelo saguão das bacias, escuro, úmido, recendendo ao cheiro das toalhas mofadas e dos ingredientes dentifrícios, solidão favorável, multiplicada pelos obstáculos à vista que ofereciam enormes pilares quadrados em ordem a sustentar o edifício, — quando, sem transição, o companheiro chegou-me a boca ao rosto e falou baixinho. (POMPEIA, 2010, p. 26)

O que se falou também, dessa vez, não nos é relatado. Mas não é difícil imaginar. Recusado o assédio, a relação entre os dois define-se: “Ao primeiro encontro depois do rompimento”, conta-nos Sérgio, “o homem viu que estava tudo acabado.” (POMPEIA, 2010, p. 27). O próprio Sérgio sabia que o que acontecia entre eles era algo mais sério que uma amizade sincera, porém, não queria aceitar; não queria enxergar, pois ele sabia que era moralmente errado ter relação com outro homem e que a sociedade, fosse no colégio ou fora dele, não aceitaria esse tipo de relação. Outro ponto que ratifica essa feminilidade de Sérgio é o adjetivo “homem”, o qual ele utiliza para se referir a Sanches, pois para a sociedade do século XIX, dentro de uma relação homossexual, um assume o papel masculino, do homem, do ativo – aqui atribuímos esse papel a Sanches –, e o outro assume o papel feminino, “do sexo frágil”, do passivo – aqui representado por Sérgio.

Tal tendência à passividade vai se confirmar no relacionamento de Sérgio com outro aluno do Ateneu, Bento Alves, bibliotecário do Grêmio Literário Amor ao Saber, como o próprio protagonista reconhece:

A amizade do Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo. (POMPEIA, 2010, p. 52)

Ou, ainda, como se pode observar em outra passagem:

Eu, que desde muito assumira entre os colegas um belo ar de impávida altania, modificava-me com o amigo, e me sentia bem na submissão

voluntária, como se fosse artificial a bravura, à maneira da conhecida petulância feminina. (POMPEIA, 2010, p. 53)

O interessante é que, tal como em seu relacionamento com Sanches, dessa vez Sérgio demonstra uma grande ingenuidade, próxima ao inconcebível, quanto à verdadeira natureza tanto dos cuidados de Bento Alves para com ele como do próprio prazer que ele retira desses mesmos cuidados.

Às vezes na biblioteca, enquanto eu lia, Alves olhava-me [...] Olhava-me e eu o sentia sem levantar a vista [...]. Às vezes vinha-lhe a pálpebra uma lágrima sem origem. No movimento geral da existência do internato, desvelava-se caprichosamente; sabia ser, de modo inexprimível, fraternal, paternal, quase digo amante, tanta era a minudência dos seus cuidados. (POMPEIA, 2010, p. 58)

Registremos, a propósito, que o prestimoso colega contava já com seus 18 anos, não se tratando, portanto, de um adolescente. A observação é importante quando, na comparação com Sanches, percebe-se em Bento Alves a constituição psicológica típica do homossexual. Enquanto o comportamento de Sanches aproximava-o daquilo que era de se esperar de um adolescente interessado em satisfazer sua libido, utilizando-se, para tanto, da força física, do poder e do aliciamento (artimanhas próprias do macho), em Bento Alves o que se vê é o envolvimento emocional absoluto, aqueles jogos que antecedem ou preparam o namoro, o comportamento padrão do jovem verdadeiramente apaixonado:

O meu bom amigo, exagerado em mostrar-se melhor, sempre receoso de importunar-me com uma manifestação mais viva, inventava cada dia nova surpresa e agrado. Chegara ao excesso das flores. A princípio, pétalas de magnólia seca com uma data e uma assinatura, que eu encontrava entre folhas de compêndio. As pétalas começaram a aparecer mais frescas e mais vezes; vieram as flores completas. Um dia, abrindo pela manhã a estante numerada do salão do estudo, achei a imprudência de um ramalhete. Santa Rosália da minha parte nunca tivera um assim. (POMPEIA, 2010, p. 60)

Esses cortejos e presentes são características típicas de quem está apaixonado, de quem quer impressionar seu alvo, seu admirado – nesse caso, nada secreto. As flores podem ser vistas como a intensidade, a vitalidade do amor pois, se no princípio, algumas pétalas secam, com o passar do tempo, elas aparecem mais vivas, mais cheias, como se se nutrissem o amor de Bento Alves por Sérgio.

O surpreendente é a atitude de Sérgio ao receber um ramalhete em um local movimentado como o salão de estudos. Primeiramente, ele pensa de imediato em uma divindade da Igreja Católica, mas logo em seguida pensa: “Que devia fazer uma

namorada? Acariciei as flores, muito agradecido, e escondi-as antes que vissem.” (POMPEIA, 2010, p. 60) Esse comportamento é bem característico da angústia vivida pelo menino Sérgio: de um lado, a presença da religião, das regras impostas por esta; de outro, o relacionamento transgressor que ele tem com seus colegas.

Com o trecho acima, fica claro que Sérgio tem conhecimento do que ele faz e das consequências disso, por mais que ele queira se fazer de ingênuo, ao se intitular como namorada e esconder as flores para que ninguém as veja.

Não surpreende quando, já ao final do romance, e quando, portanto, já está próximo de deixar o colégio, ele ainda fosse conhecido como “Sérgio do Alves” (POMPEIA, 2010, p. 91). Evidentemente, todo esse flerte haveria de render inúmeros comentários entre os alunos. Um colega alertou Bento: “[...] o Malheiro não passa pelo Sérgio que não pergunte quando é o casamento... é preciso casar... Ainda hoje pediu convite para as bodas. O Sérgio está desesperado.” (POMPEIA, 2010, p. 61). A reação de Bento foi de partir para briga. E o capítulo se fecha com as seguintes palavras:

Por minha parte, entreguei-me de coração ao desespero das damas romanceiras, montando guarda de suspiros à janela gradeada de um cárcere onde se deixava deter o gentil cavalheiro, para o fim único de propor assunto às trovas e aos trovadores medievos. (POMPEIA, 2010, p. 62)

Ainda que concordemos com Sérgio, quando ele diz que “[...] certa efeminação pode existir como um período de constituição moral.” (POMPEIA, 2010, p. 52), acreditamos que ele diz isso mais como uma forma de se enganar; de tentar acreditar que suas práticas transgressoras são passageiras; que são, inclusive, importantes para a formação do caráter, mesmo que esse pensamento não tenha respaldo nos discursos médico e religioso, os quais, ao contrário, determinavam que qualquer manifestação de homossexualidade devia ser duramente reprimida.

Essa relação entre Sérgio e Bento Alves trata-se, sem dúvida, de um namoro, ainda que platônico, mas namoro. Mais adiante, Sérgio nota em Bento Alves “[...] tremores da mão ao apertar a minha, embaraços na voz de amoroso errado, bisonho desviar dos olhares, denunciando a relutância de movimentos secretos e impetuosos.” (POMPEIA, 2010, p. 78). O próprio narrador fala novamente em namoro:

Confusamente ocorria-me a lembrança do meu papelzinho de namorada faz-de-conta, e eu levava a seriedade cênica a ponto de galanteá-lo, ocupando-me com o laço da gravata dele, com a mecha de cabelo que lhe fazia cócega aos

olhos; soprava-lhe ao ouvido segredos indistintos para vê-lo rir, desesperado de não perceber. (POMPEIA, 2010, p. 78)

E tudo vai acabar com um acesso de violência por parte de Bento Alves que, sem mais nem menos, atira-se aos tapas sobre a “namoradina”. A briga é interrompida pelo diretor Aristarco que, ao pegar e ser rude com o Sérgio, tem seu bigode atacado pelo aluno. “Fui vilmente injuriado, disse. Ah! meu filho, ferir a um mestre é como ferir ao próprio pai, e os parricidas serão malditos.” (POMPEIA, 2010, p. 78). Reforçando o nosso ponto de vista, os professores eram realmente vistos como pais e, por isso, tinham toda liberdade de escolher a punição para os transgressores.

Antes de Sérgio ter outro relacionamento, dessa vez com Egbert, há um caso de homoafetividade que não envolve o protagonista. Após um passeio ao Jardim Botânico, aproveitando-se da hora da ceia dos rapazes, “[...] sombrio como nunca, vagaroso como os compassos de réquiem, tétrico como o juízo final [...]” (POMPEIA, 2010, p. 79), Aristarco adentra o refeitório e proclama: “Tenho a alma triste. Senhores! A imoralidade entrou nesta casa!”, e explica:

Está em meu poder um papel, monstruoso corpo de delito! assinado por um nome de mulher! Há mulheres no Ateneu, meus senhores! Esta mulher, esta cortesã fala-nos da segurança do lugar, do sossego do bosque, da solidão a dois... um poema de pouca-vergonha! (POMPEIA, 2010, p. 79)

O poeta é Cândido, ou Cândida, e o destinatário é Emílio Tourinho, “o amante”. Os dois, “[...] braço dobrado contra os olhos, espreitavam-se a furto, confortando-se na identidade da desgraça, como Francesca e Paolo no inferno.” (POMPEIA, 2010, p. 81)

O incidente propicia ao diretor a oportunidade para uma punição exemplar, na qual destila todo seu preconceito: “Estes são os acólitos da vergonha, os co-réus do silêncio!” (POMPEIA, 2010, p. 81), e continua:

[...] Esquecem pais e irmãos, o futuro que os espera, e a vigilância inelutável de Deus!... Na face estanhada não lhes pegou o beijo santo das mães... caí-lhes a vergonha como um esmalte postiço... Deformada a fisionomia, abatida a dignidade, agravam ainda a natureza; esquecem as leis sagradas do respeito à individualidade humana... E encontram colegas assaz perversos, que os favorecem, calando a reprovação, furtando-se a encaminhar a vingança da moralidade e a obra restauradora da justiça!... (POMPEIA, 2020, p. 81)

Mais uma vez, o discurso religioso, que condena a homossexualidade como pecado que infringe as leis sagradas, faz-se presente para justificar a punição. Aristarco também evoca a figura da família, pais e irmãos, para lembrar aos jovens que o normal é

constituir um lar. Corroborando com o discurso médico, Aristarco fala da fisionomia deformada, fazendo coro aos estudos da medicina que definiam que um homossexual tinha uma deformidade psicológica e física.

Quanto ao relacionamento de Sérgio, com Egbert, a gradação dos sentimentos envolvidos atinge, agora, o auge, como ele próprio reconhece:

A convivência do Sanches fora apenas como o aperfeiçoamento aglutinante de um sinapismo, intolerável e colado, espécie de escravidão preguiçosa da inexperiência e do temor; a amizade de Bento Alves fora verdadeira, mas do meu lado havia apenas gratidão, preito à força, comodidade da sujeição voluntária, vaidade feminina de dominar pela fraqueza, todos os elementos de uma forma passiva de afeto, em que o dispêndio de energia é nulo, e o sentimento vive de descanso e de sono. Do Egbert, fui amigo. Sem mais razões, que a simpatia não se argumenta. Fazíamos os temas de colaboração; permutávamos significados, ninguém ficava a dever. Entretanto, eu experimentava a necessidade deleitosa da dedicação. Achava-me forte para querer bem e mostrar. Queimava-me o ardor inexplicável do desinteresse. Egbert merecia-me ternuras de irmão mais velho. (POMPEIA, 2010, p. 83)

Bem mais que isso, na verdade, toda relação com Bento Alves foi uma espécie de preparação para o que está por vir. O namoro, dessa vez, de tão pleno, há de lembrar aquele entre Francisca e Paolo, a que o narrador se referia há pouco:

Vizinhos ao dormitório, eu, deitado, esperava que ele dormisse para vê-lo dormir e acordava mais cedo para vê-lo acordar. Tudo que nos pertencia, era comum. Eu por mim positivamente adorava-o e o julgava perfeito. Era elegante, destro, trabalhador, generoso. Eu admirava-o, desde o coração, até a cor da pele e à correção das formas. (POMPEIA, 2010, p. 83)

Não há, efetivamente, qualquer tentativa de disfarce na descrição que se nos dá quer do amigo, quer de seus próprios sentimentos. Aqui, não cabe a referência a si mesmo como a de uma “namorada faz-de-conta”. O namoro é explícito, evidente:

Sonhava que ele tinha morrido, que deixara bruscamente o Ateneu; o sonho despertava-me em susto, e eu, com alívio, avistava-o tranquilo, na cama próxima, uma das mãos sob a face, compassando a respiração ciciante. No recreio, éramos inseparáveis, complementares como duas condições recíprocas de existência. Eu lamentava que uma ocorrência terrível não viesse de qualquer modo ameaçar o amigo, para fazer valer a coragem do sacrifício, trocar-me por ele no perigo, perder-me por uma pessoa de quem nada absolutamente desejava. (POMPEIA, 2010, p. 84)

Os pensamentos de Sérgio são confusos e conflituosos, se na passagem acima ele nega o desejo pelo seu “amigo”, no trecho seguinte, temos a nítida impressão que o protagonista deseja o seu companheiro de uma forma para além da fraternal:

Entrávamos pelo gramal. Como ia longe o burburinho de alegria vulgar dos companheiros! Nós dois sós! Sentávamo-nos à relva. Eu descansando a cabeça aos joelhos dele, ou ele aos meus. Calados, arrancávamos espiguiilhas à grama. (POMPEIA, 2010, p. 85)

A relação, tal como se viu com Bento Alves, termina abruptamente. Com o comprometimento de Egbert no “caso Cândido”, a amizade sofre um resfriamento:

Quando nos tornamos a ver, nenhum teve para o outro a mínima palavra; ficamos a um banco, lado a lado, em expansivo silêncio. E nunca, depois, nem por alusão distante, nos referimos ao caso. Coincidência instintiva de um respeito recíproco, ódio talvez comum de uma recordação ominosa. (POMPEIA, 2010, p. 85)

Durante o período de exames, os dois ainda estudam juntos, reativando aos poucos a amizade. Porém, em uma homenagem anual prestada aos melhores, os dois são escolhidos para jantarem com a família de Aristarco. Nasce daí o “ímpeto sexual” de Sérgio pelo sexo feminino, encarnado na esposa de Aristarco, a jovem Ema. A partir desse momento, ele olhava para Egbert “[...]” como para uma recordação e para o dia de ontem. Daí começou a esfriar o entusiasmo da nossa fraternidade.” (POMPEIA, 2010, p. 87):

Continuava cordialmente com o Egbert. Parecia-me, entretanto, a sua amizade agora uma coisa insuficiente como se houvesse em mim uma selvageria amordaçada de afetos. Egbert parecia às vezes um intruso. Passeando com ele, que diferença de outrora! Produzia-me o efeito de uma terceira pessoa. Eu preferia andar só. (POMPEIA, 2010, p. 90)

Assim, fechou-se o círculo de atração homoafetiva – pelo menos é isso que o narrador nos conta sobre a vida interna de Sérgio. Vale a pena salientar que, embora não nos tenha sido relatado, a consumação do ato sexual, fato que é posto em xeque, uma vez que o personagem é o narrador, a própria relação de proteção induzia à ocupação de lugares preestabelecidos, demarcados pela oposição fraqueza vs fortaleza, superposta à oposição fundamental homossexual vs heterossexual. O avanço do processo de amadurecimento sexual coincide com a mudança de objeto sexual e de finalidade: para Sanches, a proteção realizava-se com a consumação do ato sexual e a convivência baseada na ocupação de papéis sexuais diferenciados; com Bento, a proteção implicava o estímulo à feminilidade como forma de expressão de ternura, embora se mantenha a indiferenciação dos papéis sexuais; com Egbert, a proteção é encarada como sendo mútua, inspirando a dedicação e a confiança. O final desse processo coincide com a mudança de turma: completados três anos de estudo, Sérgio

passa para o grupo dos mais velhos, o que o faz ocupar outro dormitório e frequentar outra classe.

Transferido para o dormitório dos maiores, Sérgio observa que há, ali, diversos grupos: o dos rapazes “[...] de orgulho masculino, peludos, morenos, nodoso de músculos, largos de ossada.” (POMPEIA, 2010, p. 92); no outro extremo, o dos “[...] decaídos, portadores miseráveis de desprezo honesto, culpados por todos os outros.” (POMPEIA, 2010, p. 92); entre os dois, o grupo formado pelos ingênuos, “perpetuamente infantis”, no qual, decerto, ele próprio se inseria. E há ainda um grupo à parte, aquele formado pelos homossexuais notórios e efeminados, protegidos por uma simpatia mais ou menos geral, uma tolerância devida àqueles que não se pode levar a sério:

... os entusiastas da profissão, conscientes, francos, impetuosos, apregoando-se por gosto, que não perdoavam à natureza o erro original da conformação: ah! não ser eu mulher para melhor o ser! Estes faziam grupo à parte, conhecidos publicamente e satisfeitos com isto, protegidos por um favor de simpatia geral, inconfessado mas evidente, beneplácito perverso e amável de tolerância que favorece sempre a corrupção como um aplauso. Eles, os belos efebos! exemplos da graça juvenil e da nobreza da linha. Às vezes traziam pulseiras; ao banho triunfavam, nus, demorando atitudes de ninfa, à beira d’água. (POMPEIA, 2010, p. 92)

Nesse segmento, a situação já é marcada pelo traço da permanência, ao contrário da puberdade, marcada pelo traço do transitório. Os ocupantes dessa faixa já passaram pela puberdade e parecem ter estacionado no período de “efeminação mórbida”. Esse grupo é tratado, pelo narrador, com ceticismo e acidez: são decaídos, miseráveis, culpados, gastos e atormentados – sobretudo atormentados pela indecisão de estimular sua atração pelo próprio sexo ou recalcar a repulsa pelo sexo oposto.

Novamente, a contraposição é feita pela comparação de traços físicos (presença de pelos, cor da pele, músculos), para se reafirmar a distinção entre um grupo masculino e um efeminado, entre um grupo apropriado para exercer a dominação e outro forçado a abdicar desse poder, emparelhado ao sexo feminino no que diz respeito à dominação.

O caráter de efeminação nos homossexuais é um ensinamento dos médicos da época. Em outras obras desse mesmo período, essa postura, por parte de escritores, é perceptível em suas narrativas, como na descrição de Albino, personagem de *O cortiço*:

Fechava a fila das primeiras lavadeiras, o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caía, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; [...] não arredava os pezinhos do cortiço, a não ser nos dias de carnaval, em que ia, vestido de dançarina, passear à tarde pelas ruas e à noite dançar nos bailes dos teatros. (AZEVEDO, 2010, p. 20)

Como podemos observar, também temos nessa narrativa a dualidade entre masculino e feminino pois, de fato, era um pensamento corrente, no final do século XIX, que homossexuais tinham essa “deficiência”: a efeminação. Isso ocorria porque a medicina tinha a necessidade de rotular tudo e de dar exemplo para manter o projeto higienista familiar.

Em **O Ateneu**, Sérgio é reprimido e atacado de forma multilateral, de fora para dentro, isto é, a pressão vem do externo. Embora haja o embate psicológico interno também, os colegas e o meio exercem uma força muito maior, e ele acaba cedendo.

No colégio Ateneu, além da promiscuidade e da libertinagem, há ainda um “agrave”: os alunos mantêm relações homossexuais, o que, dentro da tradição patriarcal, falocêntrica e cristã, é um pecado e uma forma de expressão “amorosa” abominável. Pensando dessa forma, Sérgio admite achar que isso é normal e faz parte de sua formação como homem.

Estamos sempre em formação, a identidade não é fixa, imutável, nas palavras de Wellek:

Por sermos animais históricos, estamos sempre no processo de vir-a-ser, perpetuamente projetados para adiante de nós mesmo. Como nossa vida é um projeto, e não uma série de momentos presentes, nunca se pode atingir a identidade estável. Assim, esse projeto de ser homem é eternamente uma busca, visto que a identidade não pode ser fixa, pois sempre passamos por processos que possibilitam nossa mudança. (WELLEK, 2005, p.281)

Ao final do livro, o colégio é incendiado e podemos interpretar esse fogo de várias maneiras: ele pode servir para “queimar as memórias vergonhosas”; podemos interpretá-lo como uma crítica ao modelo educacional; como uma representação do desmoronamento da ordem imperial rumo à República. O aluno Américo, que põe fogo no colégio, mostrou-se “[...] contrariado desde o primeiro dia. [...] cada vez mais enfezado. Não falava a ninguém. Era já crescido e parecia de robustez não comum. Olhavam todos para ele como uma fera respeitável” (POMPEIA, 2010, p. 110), Podemos encarar esse final como uma alegoria da nova sociedade republicana.

Não apenas a estética Realista produziu obras com vertente homoafetiva, mas também a corrente Naturalista. Resguardadas as diferenças estéticas, aquela de sondagem psicológica e introspecção no ser e esta de descrição física e animalização do homem. A principal e primeira obra nacional, na qual temos como tema central a relação amorosa/sexual entre dois homens é **O bom-crioulo**, obra do cearense Adolfo Caminha, que será objeto de análise de nosso próximo capítulo.

4 RAÇA E SEXUALIDADE TRANGRESSORA: O CORPO COMO MARCA DA HETERONORMATIVIDADE EM BOM-CRIOULO

Toma: é a tua carta de liberdade, ela será a tua punição de hoje em diante, porque as tuas faltas recairão unicamente sobre ti; por quê a moral e a lei te pedirão uma conta severa das tuas ações(ALENCAR, 2005, p.168)

A posição geográfica e intelectualmente periférica dos escritores naturalistas em parte explica a hostilidade com que seus romances foram recebidos na capital do país. Mais importante do que isso, a posição periférica de que eles gozavam no distante Nordeste (mesmo que, na busca de glórias literárias, tenham por fim se dirigido ao Rio de Janeiro) os permitiu ter uma visão excêntrica do Brasil, em oposição à visão cêntrica de escritores cariocas, como Machado de Assis. Desse ponto de vista descentralizante, e animados pela vontade de saber, os escritores naturalistas foram capazes de dar voz a setores até então marginalizados. (MENDES, 2000, p.216)

4.1 Percurso literário de Adolfo Caminha

Segundo Ribeiro (1967), Adolfo Ferreira dos Santos Caminha nasceu em 29 de maio de 1867, em Aracati, e faleceu no dia 1º de janeiro de 1897, ainda com 30 anos incompletos. Ficou conhecido como Adolfo Caminha e sob o pseudônimo de Félix Guanabario, na Padaria Espiritual. Quando perdeu sua mãe, em decorrência da seca de 1877, foi criado por um tio que o educou e o encaminhou para a Marinha, no Rio de Janeiro, em 1883, com 16 anos. Nutria grande simpatia pelo republicanismo, sendo ativista da causa. Começou, escandalosamente, sua colaboração na imprensa com o artigo "A Chibata", denunciando o castigo corporal na Marinha. Esse artigo teve uma grande repercussão dentro da alta cúpula da marinha e chocou algumas pessoas que desconheciam a crueldade que existia por trás da instituição da marinha. Em 1884, em uma solenidade que contava com a presença do Imperador Dom Pedro II, o aluno, então com 17 anos, declarou-se contra o anacronismo da escravidão e do império. Apesar da declaração, formou-se guarda-marinha. Em 1885, saiu formado da Escola Naval, aos dezoito anos.

Seu primeiro livro publicado é uma obra de poemas extremamente românticos, em uma época em que já circulavam obras parnasianas, intitulado **Voos incertos** (1887)²; trata-se de um livro curto, com apenas 40 páginas, que tem como subtítulo (Primeiras Páginas), assim mesmo, entre parênteses.

Tão raro quanto essa obra é um livro de contos que contém duas narrativas que dão nome ao livro **Judite e Lágrimas de uma crente**³, do mesmo ano do livro anterior. Esses contos também são de cunho romântico, e nem de longe lembram o famoso Caminha naturalista.

Em 1888, ano de publicação de **O Ateneu** e da abolição da escravatura, o Autor voltou ao Ceará, indo morar em Fortaleza. Agora, Caminha já contava com seus 21 anos e já era segundo tenente. De acordo com Azevedo (1999), em Fortaleza,

² Embora haja divergências da data de publicação entre seus estudiosos, preferimos usar o ano de 1887 como data de estreia como defende e argumenta o professor Dr. Sânzio de Azevedo em seu livro **Adolfo Caminha (vida e obra)**(1999). Registram-se aqui as outras prováveis datas de lançamento desse livro 1886, segundo Lúcia Miguel Pereira em seu livro **Adolfo Caminha** (1960) e o ano de 1884 defendido por Sabóia Ribeiro em seu livro **Roteiro de Adolfo Caminha** (1957).

³ Nos deparamos mais uma vez com divergentes afirmações sobre o livro. Segundo Guilherme Studart em **Dicionário bibliográfico cearense** (1910) livro é um folheto de 53 páginas e Sabóia Ribeiro diz que é um livrinho de 119 páginas, Op. Cit. Preferimos adotar a quantidade de páginas 172, defendida pelo bibliófilo Erich Gemeinder, cada conto tem numeração independente, por isso causou esse desentendimento.

apaixonou-se pela esposa de um alferes, o que lhe causou muitos problemas, pois a então província fortalezense ficou escandalizada com o caso de traição. Caminha foi cobrado por seus superiores por tal ato e pressionado a viajar para se afastar da capital. Após esse episódio, tomou uma decisão extrema: pediu demissão da Armada.

Em 1890, passou a atuar no cargo da Tesouraria da Fazenda de Fortaleza e conseguiu ser nomeado graças a seu amigo Rui Barbosa. Ainda em Fortaleza, fundou a **Revista moderna**, em 1891. Em 1892, no dia 30 de maio, foi fundada a originalíssima Padaria Espiritual, momento do qual Caminha fez parte. O grupo era de Letras e artes porque nele não havia apenas escritores, mas também um pintor e músicos. Nas palavras do professor Sâncio de Azevedo:

A Padaria Espiritual se originou do espírito revolucionário de um grupo de jovens que se reuniu em forma de sociedade para, através das letras, protestar contra a burguesia, o clero e tudo que fosse tradicional, como consta de seu programa. Os membros da Padaria Espiritual protagonizaram, na acanhada província, um movimento literário modernista que antecedeu em muitos anos a Semana de Arte Moderna (AZEVEDO, 2011, p. 17).

Sabemos que esse pequeno trecho não esgota nem abarca a grandiosidade do que foi a Padaria Espiritual, um movimento fundamental para o desenvolvimento das Letras e das artes no Brasil.

Conforme Azevedo (1999, p.10-25), no final do ano de 1892, Adolfo Caminha voltou para o Rio de Janeiro definitivamente. Retornava como funcionário do Tesouro Nacional, disposto a abraçar a literatura como atividade principal mas, por questões econômicas, exercia o jornalismo, nas horas vagas. Em 1893, encontrou diversas figuras canônicas de nossas Letras, como Machado de Assis, no auge de sua carreira, já havendo publicado dois dos principais livros de sua fase realista (**Memórias póstumas de Brás Cubas** e **Quincas Borba**); Aluísio de Azevedo, que já era respeitado como mestre do Naturalismo brasileiro, com **O mulato** e **O cortiço**; Raul Pompeia, que havia conseguido prestígio com **O Ateneu** (1888), e outros prosadores e poetas, como Olavo Bilac e Raimundo Correia.

Em fevereiro de 1893, Cruz e Sousa lançou seu livro de prosa poética **Missal** e, em agosto, **Broquéis**, de poemas, firmando-se como principal nome do Simbolismo brasileiro. É importante destacar a mistura de tendências literárias que conviviam no Brasil, nessa época, sobretudo no Rio de Janeiro, pois, enquanto o Realismo machadiano e o Naturalismo aluisiano faziam sucesso com o público, os

poemas simbolistas de Cruz e Sousa também gozaram de prestígio. Nesse mesmo ano de 1893, Caminha lança seu primeiro romance, que o consagraria e projetaria seu nome nacionalmente: **A normalista** (cenas do Ceará). Esse romance segue os moldes do Realismo-Naturalismo. Essa preferência em chamar de Realismo-Naturalismo é explicada Sânzio de Azevedo:

Se no Realismo era dada importância a aspectos biológicos e ao determinismo social, no Naturalismo vão assumir singular relevância os aspectos patológicos e o determinismo genético, sem se falar na maneira de enfocar as cenas, apenas sugeridas às vezes naquele, e cruamente explícita neste (AZEVEDO, 1999, p. 79).

Seu caráter naturalista nos é apresentado já na epígrafe do livro, retirada de uma obra de Balzac: “[...] um ficcionista não tem a obrigação de não sacrificar a verdade a nenhum tipo de artifício de caráter dramático” (BALZAC apud AZEVEDO, 1999, p. 24).

Vários críticos disseram que o livro tratava de uma vingança – Frota Pessoa, Silvio Romero e Valentim Magalhães são alguns deles – contra as consequências do escândalo em que o escritor se envolveu quando esteve pela última vez no Ceará. De fato, o livro tem um tom de indignação e de revolta, de tal modo que nada parece ser grandioso. A história de pedofilia e de incesto choca a atrasada província de Fortaleza; já no Rio de Janeiro, o livro é bem recebido pela crítica, que enxerga em Caminha um jovem promissor. O livro segue bem os preceitos do Naturalismo, tanto pela temática como pela forma e pela construção e descrição dos personagens.

Segundo Broca (1957) apenas um ano após o sucesso de **A Normalista**, Adolfo Caminha publica **No país dos Ianques** (1894): são seus relatos de uma viagem feita aos Estados Unidos, em 1886; mas o livro parece não causar tanto impacto como o anterior. Em 1895, publicou um livro de crítica literária, intitulado **Cartas literárias**, que passou quase despercebido na época; porém, três meses depois, vem à luz a grande novidade não só da carreira do Autor, mas da Literatura Brasileira: trata-se da publicação de um dos romances mais “perigosos” e criticados na história da crítica nacional, o polêmico **Bom-crioulo**, que será também objeto de análise dessa dissertação.

Adolfo Caminha sempre suscitou polêmicas, seja em sua vida pessoal, seja em suas obras, mas nenhuma gerou tanta problemática quanto a história de amor “maldito” entre dois marinheiros. Mais uma vez, parte da crítica o acusou de ser o

próprio marinheiro, ou de ele ter recebido o mesmo tratamento que o grumete Aleixo recebeu.

4.2 Entre corpos e gestos: a marca da (homo)sexualidade

O romance **Bom-crioulo** inova logo de início, por dois motivos. O primeiro, e mais chocante, é ter como eixo central a relação homoerótica entre Amaro, o Bom-crioulo, e o grumete Aleixo, os protagonistas do romance. Ao contrário do que se viu em **O cortiço** ou mesmo em **O Ateneu**, a paixão entre homens é o que a estrutura; é o que sustenta a obra tematicamente, diferentemente dos citados anteriormente, nos quais os episódios de homoafetividade ou homoerotismo estão diluídos dentro da trama maior da narrativa. Segundo Lacey (apud TREVISAN, 2000, p. 255), tradutor norte americano da obra, “**Bom-Crioulo** é uma das obras mais peculiares de ficção do século XIX”. O segundo motivo é o fato de um negro protagonizar um romance, fato até então inédito na literatura nacional.

O tema da relação sexual entre dois homens foi tão impactante para sua época, que críticos como Valdemar Cavalcante desaconselharam à leitura do romance por “[...] outras contingências que não as literárias” (CAVALCANTE apud DAMATA, 1967, p. 60). De fato, a sociedade ainda não estava pronta para receber um livro tão transgressor, agressivo e revolucionário como o era a publicação de Caminha.

O enredo centra-se na relação entre o negro Amaro, um escravo fugido alcunhado de Bom-crioulo, e o grumete Aleixo, “um belo marinheiro de olhos azuis”, de apenas 15 anos, e na relação do grumete com a portuguesa e ex-cortesã Carolina. O romance se inicia com a seguinte descrição:

A velha e gloriosa corveta - que pena! - já nem sequer lembrava o mesmo navio d'outrora sugestivamente pitoresco, idealmente festivo, como uma galera de lenda branca e leve no alto mar grimando serena o corcovo das ondas! [...] Estava outra, muito outra com o seu casco negro, com as suas velas encardidas de mofo, sem aquele esplêndido aspecto guerreiro que entusiasmava a gente nos bons tempos de patescaria. Vista ao longe, na infinita extensão azul, dir-se-ia, agora, a sombra fantástica de um barco aventureiro. Toda ela mudada, a velha carcaça flutuante, desde a brancura límpida e triunfal das velas até a primitiva pintura do bojo. No entanto ela aí vinha esquife agourento singrando águas da pátria, quase lúgubre na sua marcha vagarosa; ela aí vinha, não já como uma enorme garça branca flechando a líquida planície, mas lenta, pesada, como se fora um grande morcego apocalíptico de asas abertas sobre o mar... (CAMINHA, 2010, p. 7).

A comparação entre o navio e o morcego apocalíptico, já nos dá indício, desde o início sobre o final tempestuoso do romance.

Embora tenha sido escrita sob a influência dos preceitos do Naturalismo, logo visando uma narrativa objetiva, direta e focada em uma linguagem denotativa, **Bom crioulo** traz alguns elementos simbólicos, ou seja, carregado de subjetividade, como vimos no trecho acima, já que o morcego na cultura ocidental simboliza tanto “o ser hermafrodita como as forças do mal e da noite” (CIRLOT, 1984, p. 388).

Segundo a lei mosaica, animal impuro, que se tornou símbolo da idolatria e do pavor (...) é a figura do inimigo da luz, da pessoa extravagante que faz tudo ao contrário do que deve (...) rato voador, simboliza a cegueira às verdades mais luminosas, e acumulação, em grupos, de um amontoado de baixezas e de deformações morais (...) rato-pássaro – explica a ambivalência desse símbolo: o morcego representa o andrógino, o dragão alado, os demônios. Suas asas seriam a dos habitantes do inferno (CHEVALIER, 1982, P. 620-621)

Importante analisar a hibridização das estéticas, pois embora **Bom crioulo** seja um dos marcos da Literatura naturalista no país, vemos que possui traços de uma estética, aparentemente divergente, o Simbolismo. Mas esses elementos simbólicos constituem parte de um recurso estilístico e não se sobressai na narrativa naturalista, pois temos muito mais características dessa escola literária.

Outro dado muito importante para o desenrolar da narrativa tanto no plano literário, social e da nossa análise é o fato de um dos personagens principais ser um negro, escravo fugido em uma sociedade escravocrata, já que a narrativa se passa enquanto o Brasil ainda tinha a escravidão legalizada. Embora o livro tenha sido publicado em 1895, ou seja depois da abolição da escravatura (1888), a sociedade carregava – e ainda, hoje, carrega – preconceitos raciais.

O escravo que por muitas vezes foi representado como fiel ao seu dono, e inofensivo à sociedade, passou a ser representado como imoral ou demoníaco após a Lei do Ventre Livre (1871) e isso foi intensificado com a libertação dos escravos. O escravo fugitivo, como no caso de Amaro, é considerado demoníaco, pois deu as costas à tutela do seu dono – branco- confirmando assim sua selvageria. Amaro também possui o estereótipo do negro imoral, já que suas experiências sexuais são com outros homens e não com mulheres, como manda a tradição patriarcal heteronormativa.

Vejamos nas palavras de Brookshaw como os escritores naturalistas se apropriaram da figura do negro para tornar possível seus estudos clínicos dos tipos sociais do Brasil.

O interesse do Naturalismo em descrever clinicamente interação de diferentes camadas sociais como sendo determinadas por forças naturais parecia corresponder às necessidades de escritores brasileiros, então preocupados

com ideias relativas a hereditariedade racial e aos efeitos do ambiente natural no comportamento humano ... dar um largo estudo clínico do negro, no qual sua bestialidade seria demonstrada, não apenas na liberdade de descrição, mas na consideração de certos tópicos proibidos até aqui, tais como homossexualidade e a incontrolável sexualidade do negro. (BROOKSHAW, 1983, p. 43-44)

Ora, o primeiro personagem abertamente homossexual, com destaque, dentro da narrativa literária nacional não poderia ser um branco ou uma pessoa vinda da burguesia ou da classe média do Brasil. A escolha das características do personagem Amaro não é sem propósito, tem um caráter muito bem marcado que é de mostrar como essa “raça do demônio” é perigosa para a sociedade e como ela é capaz de perverter até mesmo os mais puros e dignos, - um jovem branco, loiro, dos olhos azuis- representando os estereótipos europeus, tão sonhada pelos brasileiros.

Logo nas primeiras páginas, quando trata do ambiente a bordo da “velha e gloriosa corveta”, e referindo-se a um marinheiro que acabara de receber, como castigo, 25 chibatadas, explica que:

Herculano foi surpreendido, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. Tinham-no encontrado sozinho, junto à amurada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados. [...] Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa natureza, derramando inutilmente no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem (CAMINHA, 2010, p. 16).

Ao final do romance, como visto na citação acima, quando voltar a se referir a Herculano, o narrador dirá que fora aquele “[...] surpreendido a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano” (CAMINHA, 2010, p. 134).

Para Costa (1992), essa reação do narrador e dos personagens é bem típica das influências médicas e religiosas que à época condenavam a masturbação, pois o sêmen do homem era visto como um fluido sagrado. Para a Igreja Católica, o sexo ou simulação de sexo só era permitido para procriação, sendo vetada a masturbação, pois seria uma forma de obtenção de prazer, finalidade não destinada ao sexo, segundo a Igreja.

Desde as primeiras descrições dos personagens, o contraste entre os dois chama atenção. Enquanto Bom-crioulo é descrito como um “[...] latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre [...]” (CAMINHA, 2010, p. 53), todo o tempo, e bem consoante ao ideário da estética naturalista, comparando-o a um animal

que “parecia uma fera desencarcerada”, “[...] hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera”, cheio de “desejos de touro [...]”, de “ímpetos vorazes de novilho solto”; Aleixo é tratado como uma mocinha – e o diminutivo, aqui, é emblemático: marinheiro de “arzinho ingênuo” e “olhinhos azuis”, “espécie de príncipezinho”, “estatuazinha de mármore”. O próprio Bom-crioulo refere-se a ele como “meu bonitinho”.

Por várias vezes Amaro é descrito como um ser bestial, selvagem, de temperamento instável, que a qualquer momento pode se transformar em uma ameaça ainda maior do que já é. Mais uma vez vemos uma tentativa de desqualificar o negro e transforma-lo em um ser que deve ser excluído do convívio social.

O triângulo amoroso dá-se entre Amaro, Aleixo e Carolina, sendo que o narrador distingue, para cada uma dessas personagens, pontos de vista próprios de abordagem da homossexualidade. Essa distinção não significa modos diferenciados de encarar a questão homossexual, mas a preocupação do narrador em estabelecer nuances conforme o modo de agir ou tratar a homossexualidade. As três personagens enquadram o homossexual nos limites do desvio, mas são enfocadas conforme pontos de vista específicos, o que, em termos literários, deve ser considerado inovação, mesmo que essa inovação acabe por significar uma estratégia de multiplicação da condenação (MORANDO, 2002, p.126).

O próprio narrador faz isso por meio das expressões eufemísticas utilizadas para referir-se ao homossexual ou à relação por ele praticada. Quanto a isso, em alguns momentos, é visível a proximidade da forma de pensar entre narrador e personagens. Eis alguns eufemismos do narrador: “amizades escandalosas”, “delito contra a natureza”, “anomalia”, “comércio grosseiro”, “castigo da natureza”, “paixões inconfessáveis”, “amizades misteriosa”, “amor clandestino”.

Conhecendo, de antemão, mesmo que restrito a alguns autores médicos, o discurso elaborado e divulgado pela classe médica, não há como negar a transposição de termos ou conteúdos semânticos contidos nas expressões selecionadas acima, de uma para outra. O narrador coloca os dois protagonistas em clara oposição: de um lado, Amaro, o Bom-crioulo, protótipo do macho em estado bruto, animalesco; de outro, Aleixo, retratado quase como mulher. A própria atração que ele desperta em Bom-crioulo é descrita nos seguintes termos:

Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies

impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho (CAMINHA, 2010, p.32).

Ao longo de todo o romance, Aleixo é tratado como uma mulher. O narrador chega a dizer que ele tinha “jeito de namorada”, “rosto de mulher”, “formas de mulher”.

O viril Amaro, que tanto desejava “[...] unir-se ao marujo como se ele fora do outro sexo.” (CAMINHA, 2010, p. 36) jamais experimentara, com uma mulher, qualquer coisa parecida com o prazer:

Sua memória registrava dois fatos apenas contra a pureza quase virginal de seus costumes, isso mesmo por uma eventualidade milagrosa: aos vinte anos, e sem o pensar, fora obrigado a dormir com uma rapariga em Angra dos Reis, perto das cachoeiras, por sinal dera péssima cópia de si como homem; e mais tarde, completamente embriagado, batera em casa de uma francesa no largo do Rocío, donde saíra envergonhadíssimo, jurando nunca mais se importar com essas cousas... (CAMINHA, 2010, p. 38).

Mais adiante, quando já consumado o “delito contra a natureza”, o narrador diz que “[...] agora [Bom-crioulo] compreendia nitidamente que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres” (CAMINHA, 2010, p. 56), sinalizando para uma natureza essencialmente homossexual. Não teria tido escolha, mas uma manifestação daquilo que lhe seria inato:

Nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua vida tivera a lembrança de perscrutar suas tendências em matéria de sexualidade. As mulheres o desarmavam para os combates do amor, é certo, mas também não concebia, por forma alguma, esse comércio grosseiro entre indivíduos do mesmo sexo; entretanto, quem diria!, o fato passava-se agora consigo próprio, sem premeditação, inesperadamente. E o mais interessante é que aquilo ameaçava ir longe, para mal de seus pecados... Não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a natureza impunha-lhe esse castigo. (CAMINHA, 2010, p. 56).

O trecho acima é digno de qualquer tratado naturalista: “[...] a natureza pode mais que a vontade humana.”.

Por sua vez, o feminino Aleixo se ligará, no decorrer do romance, a dona Carolina, o que é uma inversão de perspectivas, a demolição de um dos maiores estereótipos ligados ao jogo ativo/passivo das relações homoeróticas, o grande achado do romance, talvez o fator mais transgressor dos dois romances aqui analisados. Pelo ideário comum ideologizado, era de se esperar que coubesse ao polo ativo de uma relação homossexual masculina a capitulação ao desejo heterossexual, e nunca o contrário, como se dá no **Bom-crioulo**.

Vale a pena acompanhar a voz do narrador no processo de transformação por que passará Aleixo. No início do romance, como já vimos, ele nos é apresentado como se fosse uma mocinha: “belo marinheiro de olhos azuis”, “com arzinho ingênuo de menino obediente”; mas vai, gradativamente, sucumbindo aos apelos de Bom-crioulo:

[...] foi-se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos, àquela generosa solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma acentuada tendência para Bom-Crioulo, um visível começo de afeição reconhecida e sincera (CAMINHA, 2010, p. 36).

Mais adiante, o narrador observa que

Aleixo estava satisfeitiíssimo com a vida que ia levando naquele céu aberto da corveta, querido, estimado por todos, invejado por meia dúzia. Nada lhe faltava, absolutamente nada. Era mesmo uma espécie de príncipezinho entre os camaradas, o menino bonito dos oficiais, que o chamavam de *boy*. Habitando-se depressa àquela existência erradia, foi perdendo o acanhamento, a primitiva timidez, e quem o visse agora, lesto e vivo, acudindo à manobra, muito asseado sempre na sua roupa branca, o boné de um lado, a camisa um pouquinho decotada na frente, deixando ver a cova do pescoço, ficava lhe querendo bem, estimava-o deveras. Essa metamorfose rápida e sem transição perceptível, foi obra de Bom-Crioulo, cujos conselhos triunfaram sem esforço no ânimo do grumete, abrindo-lhe na alma ingênua de criança o desejo de conquistar simpatias, de atrair sobre a sua pessoa a atenção de todos (CAMINHA, 2010, p. 39).

É ainda como se se referisse a uma mulher que o narrador descreve Aleixo no momento em que, finalmente, ele sucumbe aos apelos do outro:

Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios....; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... (CAMINHA, 2010, p. 50).

Assim, no início de sua relação com o negro, o comportamento apresentado por Aleixo está de acordo com o tratamento que lhe é dado pelo narrador, chegando a demonstrar, inclusive, “escrúpulos próprios do sexo feminino”:

Uma cousa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom-Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma mulher-a-toa propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pêlo: queria ver o corpo... (CAMINHA, 2010, p. 70).

Essa identificação de Aleixo com o sexo oposto é reforçada a toda hora no romance. Diante do corpo despido do amante,

Bom-Crioulo ficou extático! A brancura láctea e maciça daquela carne tenra punha-lhe frêmitos no corpo, abalando-o nervosamente de um modo estranho, excitando-o como uma bebida forte, atraindo-o, alvoroçando-lhe o coração. Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!... Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero!... (CAMINHA, 2010, p. 71).

E o narrador diz que “[...] dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea”, ou seja, até então, não há qualquer desvio naquela posição proposta desde o início do romance; de um lado, o negro, viril, másculo, a todo momento comparado a um animal e, de outro, Aleixo, feminino, delicado, a toda hora comparado a uma mulher. A própria dona Carolina, impressionada com o romance dos dois, chega a dizer: “Vocês acabam tendo filhos.”.

Outro fator que é importante ser ressaltado nos trechos acima é o emprego das reticências; assim como n’**O Ateneu**, as reticências tem um valor semântico muito forte, pois são um elemento que nos mostra que, mesmo que o narrador do romance dos marinheiros seja mais ousado, atrevido e transgressor em comparação ao Sérgio adulto, narrador de sua própria infância, ele ainda se nega a narrar certos fatos, como na primeira relação entre os marinheiros, quando ele se limita a falar que “[...] consumou-se o delito contra a natureza [...]”, e em outros momentos em que utiliza as reticências, deixando para o leitor a função de interpretar os acontecimentos.

As semelhanças entre as obras não se limitam ao fato da utilização das reticências; outros elementos serão apresentados na conclusão, mas, de antemão, esse quadro comum de referências de um sistema de representação parece-nos ser evidente.

Passado um ano de convivência, na Rua da Misericórdia – o próprio local onde os marinheiros moram juntos, no Rio de Janeiro, deixa transparecer o que os dois “imorais” mereciam: é um discurso típico da Igreja Católica –, Amaro é chamado para trabalhar em outro navio, o que faz com que ele fique mais tempo longe de seu “loirinho”.

O afastamento abrupto e a dificuldade em ver Aleixo fazem aumentar o ciúme e a desconfiança do negro, estimulando a obsessão pela posse do adolescente. Em certa ocasião, Bom-crioulo foge do serviço para procurar Aleixo. Sem encontrá-lo e

enraivecido, mete-se em uma briga, sendo levado de volta ao navio, castigado com chibatada e hospitalizado.

Ao longo do romance, o narrador, por mais que intente transparecer que é neutro, deixa algumas pistas de sua ideologia – no caso, a demonização do negro é uma delas. A todo momento, é reforçado que o negro é um animal (e animal violento), forte, devido ao atavismo cultural que considerava sua raça (negra) violenta e aterrorizadora, por estar próxima ao animal. Principalmente, quando longe de seu objeto de desejo, no caso Aleixo, o negro parece liberar seu lado animalesco, brigando na rua, e rompendo as leis da marinha.

No hospital, internado, Amaro começa, aos poucos, a achar que seu amante o está traindo com outro homem, e essa obsessão, aos poucos, transforma-se em “delírio de raiva”, pelo fato de Aleixo não responder a seus bilhetes, o que lhe causa “febre de vingança”.

A espera frustrada por Aleixo alimenta a “ideia fixa e obstinada e mortificante” de traição. A inquietação provocada pela ideia de traição faz nascer o desejo de vingança. No auge do ciúme e do desespero, Amaro desejava gozar em Aleixo o “[...] prazer brutal, doloroso, fora de todas as *leis*, de todas as *normas*” (CAMINHA, 2010, p. 139, grifos nossos). Motivado por toda a composição psiquiátrica exposta pelo narrador, Bom-crioulo foge do hospital ao saber que Aleixo estava com alguém.

Mais uma vez temos uma comprovação do caráter indomável de Amaro, que primeiro fugiu do seu antigo dono, já que ele é um escravo fugido; depois fugiu do navio no qual trabalhava para buscar seu amado Aleixo; e retorna a fugir, dessa vez do hospital, mas para ir atrás de seu objeto de desejo, o jovem Aleixo.

Enquanto Amaro estava internado no hospital, já no primeiro dia, a Aleixo “o negro não lhe fazia muita falta”. Aleixo sonha inclusive em conhecer um homem de posição e dinheiro, porque “já estava acostumado com aquilo” e continua o seu pensamento no discurso indireto livre: “Sim, que podia ele esperar de Bom-crioulo? [...] Ora, não valia a pena!” (CAMINHA, 2010, p. 80).

Pela primeira vez Aleixo admite sua atual condição, sua atual identidade, já não se preocupa em esconder para ele mesmo sua predileção sexual. Contudo, se no início ele era representado como inocente e tinha uma personalidade frágil, quase pueril, agora, depois de passar a ter relação não heterossexual ele se transforma em uma pessoa

interesseira, que sente vontade de procurar um homem com *status* para “amigar-se” com ele. Mas a traição não ocorre com outro homem e sim com uma mulher.

É o primeiro cisma da relação que parecia inquebrável. Contudo, é importante observar que, nesse “gérmen de traição”, não há qualquer incoerência ou mudança no que diz respeito ao tipo representado por Aleixo: ele sonha com outro homem, mas sequer partirá dele a ideia de experimentar “o outro lado”, mas da portuguesa, que metera na cabeça “conquistar Aleixo, o bonitinho, tomá-lo para si, tê-lo como amantezinho do seu coração avelhentado e gasto, amigar-se com ele secretamente” (CAMINHA, 2010, p. 70)

Mas dona Carolina queria conquistar Aleixo, amigar-se com ele secretamente, possuir o bonitinho como seu amante. É então que se inicia a espetacular transformação de Aleixo, e que é, sem dúvida, a grande surpresa do romance. A partir daí, o narrador passa a referir-se a ele de outro modo, deixando de lado aquelas infundáveis comparações com as mulheres que sua figura antes suscitara.

Poucas linhas depois, ao flagrá-la “em camisa curta, deitada, com pernas de fora”, Aleixo fica tão impressionado que chega a pensar que “[...] deveria ser esplêndido a gente dormir nos braços de uma mulher!” E conclui, já em uma preparação do que está por vir: “A portuguesa até que não era mazinha...” (CAMINHA, 2010, p. 85). A inconstância do desejo de Aleixo é contrastante com a obstinada paixão que Amaro sente.

Dona Carolina agora é que é comparada aos animais: “mulher-homem que o queria deflorar ali, assim, torpemente, como um animal” e parecerá ao rapaz “um animal formidável, cheio de sensualidade, como uma vaca do campo que extraordinariamente excitada, que se atira ao macho antes que ele prepare o bote” (CAMINHA, 2010, p 88).

Mas isso, nela ao invés de o espantar, vai atraí-lo: “E a figura da portuguesa (...) dançava em sua imaginação, como um sonho diabólico (CAMINHA, 2010, p. 88). A essa altura, o pequeno Aleixo: “Receava encontrar Bom-crioulo[...], com seu bodum africano, com seus ímpetos de touro”, “ficava abominando o negro, odiando-o quase, cheio de repugnância, cheio de nojo por aquele animal com formas de homem” (CAMINHA, 2010, p.110).

Assim, Aleixo passa a ser apresentado como um homem, um homem em formação, “cuja virilidade apenas começa a destoucar-se” (CAMINHA, 2010, p. 111). Ou então: “E seus olhos pousavam traiçoeiramente sobre o colo nu, sobre a espádua nua de d. Carolina, cheios de desejos, ávidos de gozo” (CAMINHA, 2010, p.113). Até chegar a consumação do ato:

O grumete, por sua vez, experimentava o que experimentaria qualquer adolescente uma tendência fatal para a portuguesa, um forte desejo de possuí-la sempre, sempre, a toda hora, uma vontade irresistível de mordê-la, de cheirá-la, de palpá-la num frenesi de gozo, num grande ímpeto selvagem de novilho insaciável. [...]e jurara nunca mais abandoná-la, nunca mais! (CAMINHA, 2010, p. 115).

Quando voltar a ser comparado a uma mulher o será pela própria amante, extasiada com sua beleza, com a delicadeza de seus traços e chocada com o contraste entre ele e Bom-crioulo. A lembrança do negro suscitará nela uma elucubração das mais interessantes de todo o romance, a ideia de que a mulher teria o poder de salvar um sujeito de seus desejos desviantes, de que um homossexual poderia ser curado a partir da intervenção direta de uma mulher:

Era uma pena, decerto, ver aquele rosto de mulher, aquelas formas de mulher, aquela estatuazinha de mármore, entregue às mãos grosseiras de um marinheiro, de um negro... Muita vez o pequeno fora seduzido, arrastado. Ela até fazia um benefício, uma obra de caridade... Aquilo com o outro, afinal, era uma grossa patifaria, uma bandalheira, um pecado, um crime! Se Aleixo havia de se desgraçar nas unhas do negro, era melhor que ela, uma mulher, o salvasse. Lucravam ambos, ele e ela... (CAMINHA, 2010, p. 116).

E o capítulo se fecha com a informação de que “toda noite foi um delírio de gozo e sensualidade. D. Carolina cevou o seu hermafroditismo agudo com beijos abraços e sucções violentas” (CAMINHA, 2010, p.118).

Mais do que uma disputa amorosa, são duas forças potentes que se enfrentam: o desejo consentido, de um lado; o desejo desviante, de outro, o estabelecido *versus* o marginal. E o que mais surpreende é que tudo leva a crer que o rapaz ficará com a portuguesa, pois a essa altura, ele já está “curado do terrível mal”. Se o negro é homossexual inato e não há “cura” para sua doença, seu mal; Aleixo que foi corrompido e arrastado para a transgressão e a sua identidade natural não é homossexual, nesse caso ainda há “salvação”, ainda há como reverter essa inversão sexual.

Após “estar curado”, o narrador passa a descrever Aleixo de uma forma completamente diferente, agora ele é “homem de verdade”:

Estava gordo, forte, sadio, muito mais homem, apesar da pouca idade que tinha, os músculos desenvolvidos como os de um acrobata [...] adquirira uma expressão admirável de robustez física, tornando-se ainda mais belo e querido. A portuguesa, essa vivia dele, amava-o, adorava-o (CAMINHA, 2010, p. 117).

Quando dona Carolina fala do quartinho que ele morou com Bom-crioulo, lá que outrora Aleixo tinha como “ninho do amor”, agora ele o odiava, porque ali ele se tinha feito escravo de Bom-crioulo, ali ele tinha “perdido a vergonha”.

Aleixo, às vezes, oscila entre um misto de asco e pavor, de um lado, e um sentimento de ternura, quase saudade, de outro, que a lembrança do negro lhe provoca:

Mas Aleixo não podia esquecer Bom-Crioulo. A figura do negro acompanhava-o a toda parte, a bordo e em terra, quer ele quisesse quer não, com uma insistência de remorso. Desejava odiá-lo sinceramente, positivamente, esquecê-lo para sempre, varrê-lo da imaginação como a um pensamento mau, como a uma obsessão insólita e enervante; mas, debalde! O aspecto repreensivo do marinheiro estava gravado em seu espírito indelevelmente; a cada instante lembrava-se da musculatura rija de Bom-Crioulo, de seu gênio rancoroso e vingativo, de sua natureza extraordinária híbrido conjunto de malvadez e tolerância, de seus arrebatamentos, de sua tendência para o crime, e tudo isso, todas essas recordações o acovardavam, punham-lhe no sangue um calafrio de terror, um vago estremecimento de medo, qualquer cousa latente e aflitiva... Suas expansões com a portuguesa eram incompletas, vibravam-lhe os lábios em sorrisos de falsário, cada vez que ela o exaltava para deprimir o outro... (CAMINHA, 2010, p.117)

Agora, já próximo ao fim da obra, temos um prenúncio do desfecho trágico:

Agora é que tinha um desejo enorme, uma sofreguidão louca de vê-lo, rendido a seus pés, como um animalzinho; agora é que lhe renasciam ímpetos vorazes de novilho solto, incongruências de macho em cio, nostalgias de libertino fogoso... As palavras de Herculano (aquela história do grumete com uma rapariga) tinham-lhe despertado o sangue, fora como uma espécie de urtiga brava arranhando-lhe a pele, excitando-o, enfurecendo-o de desejo. Agora sim, fazia questão! E não era somente questão de possuir o grumete, de gozá-lo como outrora, lá cima, no quartinho da Rua da Misericórdia: era questão de gozá-lo, maltratando-o, vendo-o sofrer, ouvindo-o gemer... Não, não era somente o gozo comum, a sensação ordinária, o que ele queria depois das palavras de Herculano: era o prazer brutal, doloroso, fora de todas as leis, de todas as normas... E havia de tê-lo, custasse o que custasse! (CAMINHA, 2010, p. 139)

O narrador, ao final do romance, depois do crime cometido por Amaro ao matar Aleixo, nos informa que “ninguém se importava com o “outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: porém, todos queriam “ver o cadáver”, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...” (CAMINHA, 2010, p.108). Percebemos que a morte de um branco atrai multidão; um branco morto vale mais que um negro vivo, pois ao negro Amaro não restava sequer um olhar de condenação ou de comiseração. A lógica diz que de um animal bruto não se pode

esperar senão a violência. Neste caso, o lugar de animal é na jaula, na prisão, separado dos civilizados e é isto que vai acontecer com Amaro. No início da narrativa, Amaro foge da jaula - “conseguindo, porém, escapar à vigilância dos interessados, e depois de curtir uma noite, a mais escura de sua vida numa espécie de jaula com grade de ferro” (CAMINHA, 2010, p.17) - e no final, é conduzido para ser enjaulado, quando é preso pelo assassinato de Aleixo:

A mensagem que o romance passa é basicamente que a companhia dos negros não é saudável, porque eles não controlam seus instintos animais e não tendo, portanto, moralidade própria, podem provocar a destruição da vida dos outros (os brancos) que a têm (BROOKSHAW, 1986, p. 46).

O mesmo negro que salva Aleixo é o responsável pelo sua morte. Amaro veio “cobrar a dívida” que o grumete tinha com ele, pois “negro é raça do diabo, não esquece, não perdoa”.

4.3. Entre colégios e navios: personagens não heterossexuais em comparação

Após a leitura e análise dos dois romances, podemos encontrar vários pontos que nos permitem relacioná-los nos mais diversos planos, tanto no das críticas que eram feitas aos autores nas respectivas épocas, como no literário.

No plano biográfico, a crítica acusou ambos os autores, Raul Pompeia e Adolfo Caminha de escreverem obras de vingança; o primeiro contra o sistema educacional e a escola na qual estudou e, o segundo, de revanchismo à instituição da marinha brasileira. Para além desses pontos de contato os escritores foram acusados de serem os próprios personagens. Pompeia seria o inocente e inconstante Sérgio, criança sem amigos “verdadeiros” e com problemas de se encontrar no ambiente no qual vive, pois rodeado de pessoas hipócritas e interesseiras. Caminha seria Aleixo, jovem que é objeto de desejo de um negro robusto e sedutor, sucumbindo aos apelos do negro, tem uma relação homossexual.

No plano literário, ao analisarmos a construção das personagens, encontramos uma “fórmula” que se repete em ambas as obras, a figura da criança/adolescente inocente que é corrompida. No caso do Sérgio de **O Ateneu** esse ataque vem de múltiplas direções, ou seja, não é apenas um único personagem que o seduz, o “desvia do caminho da ordem natural”, e sim várias personagens em vários momentos da obra. Mas o que permite a

aproximação do sedutor, e o que abre caminho para que ocorra a sedução sempre é a necessidade de proteção que o pequeno Sérgio necessita.

Aleixo, ao ser salvo (protegido) por Amaro, desenvolve um carinho especial pelo negro. E após algumas investidas feita por Amaro, Aleixo sucumbe aos desejos “demoníacos” do ex-escravo e tem relações sexuais com ele. E só terá relação com outra pessoa quando estiver longe dos cuidados de Amaro, assim o negro servirá como protetor, evitando que outras pessoas, homens ou mulheres se aproximem de Aleixo.

O que vai diferir a relação que Aleixo e Sérgio têm com sua “nova condição” é a aceitação que eles apresentam, Sérgio enxerga essas experiências como uma fase da formação humana a ser superada, ela é passageira e ele nega ser “desviado” para sempre. Aleixo vai passar por um curto período de rejeição e resistência, mas logo vai se conformar e aceitar sua condição de homossexual. Até mesmo chega a desejar um homem com dinheiro para poder ser cuidado por ele. Essa ideia de identidade fixa, só passa a mudar devido à interferência de uma mulher, dona Carolina.

O final das obras tem um caráter de resignação, uma ideia de expurgar o mal. Na obra **O Ateneu** o colégio pega fogo, um dantesco incêndio destrói as instalações do colégio, podemos interpretar o fogo como:

Símbolo purificador e regenerador (...) o fogo possui valor de purificação e de iluminação, assim como o Sol, pelos seus raios, o fogo simboliza a ação purificadora e relaciona-se como símbolo de elevação, sublimação, intenção de purificação e de luz (...) o fogo afasta o homem cada vez mais da condição animal (...) ele simboliza a purificação pela compreensão (CHAVALIER, 1983, p.440-443).

Na Idade Média, a morte na fogueira era destinada aos hereges, acreditava-se que o fogo era responsável por purificar a alma e levar o corpo pecador (no caso de **O Ateneu** a construção do colégio) aos céus para também ser purificado.

Em o **Bom Crioulo** o fim também trágico se dá com o assassinato de Aleixo, que morre pelas mãos de quem outrora o salvou. Temos nesse caso duas análises distintas.

Aleixo, que no início é salvo do castigo por Bom crioulo termina tendo sua vida ceifada, devido o ciúme incontrolável que Amaro tinha por ele. Podemos interpretar esse final como um exemplo moralizante que condena a paixão homossexual, mostrando que quem se envolve com “esse tipo de gente” tem um final trágico. Por mais que Aleixo tenha se livrado e se “curado” da doença que contraíra do negro as marcas, os efeitos

diabólicos ainda residem nele.

Já Amaro tem um percurso de demonização, de salvador a algoz, o negro desde o início já dava pistas de seu desequilíbrio mental, de sua “bestialidade doentia”. O negro parece não sentir remorso nem se mostra comovido com a cena de seu amado caído ao chão. O que nos mostra como o narrador e a obra reforçam a ideia de que o negro é perigoso e letal caso contrariado.

5 CONCLUSÃO

A partir de nossa pesquisa, podemos concluir que as obras analisadas apresentam características do contexto sócio histórico no qual elas foram produzidas. Tendo como ponto central a análise das obras literárias **O Ateneu** e **Bom Crioulo** e tendo como principal apoio teórico a Teoria e Crítica Literária Feminista e com o auxílio de outras áreas de conhecimento das Ciências Humanas como Filosofia, História e Sociologia.

Ao utilizarmos outras áreas do saber, além da Literatura, enriquecemos nossa pesquisa como ampliamos o nosso campo de resultados. Ao fazermos um breve levantamento histórico das condições sociais e históricas do homossexual desde a Grécia antiga até o século XIX, temos uma visão mais ampla do percurso que o homossexual teve no Ocidente, desde quando era socialmente tolerável, na Grécia antiga, até sua perseguição, criminalização e patologização no século XIX.

Focalizando nossa investigação nos personagens, temos a possibilidade de centrar a nossa análise na força motriz das narrativas, a vida de Sérgio no Ateneu e de Aleixo e Amaro no mar e no Rio de Janeiro.

As relações que Sérgio possui dentro do internato não nos permite concluir que ele seja um personagem homoafetivo, o que nos é permitido pelo texto é concluirmos que o personagem passa por um período de auto(re)conhecimento, no qual ele tem experiências “amorosas” com outros garotos do internato, sempre mais velhos, mais fortes que ele. Essas experiências que Sérgio vivencia são partes da formação do caráter dele, da personalidade como ele mesmo conclui. Sérgio quase sempre se descreve “como uma mulher, como sexo frágil” essa descrição é resultado de uma observação de não adequação aos padrões heteronormativos impostos pela sociedade, que é refletido na escola. Sérgio é sempre o outro, o mais fraco, o mais feminil. Essa condição de outro e de ser inferiorizado é uma tentativa heteronormativa de aproxima-lo a uma mulher. Fato que não se solidifica no romance, pois a forma com que Sérgio termina a narrativa não nos permite deduzir que Sérgio continuou a vida de relações homoafetivas, parece-nos que ele atinge a heterossexualidade, estágio ideal do indivíduo.

Em o **Bom Crioulo** temos uma relação diferente do que observamos na obra de Raul Pompeia, uma única relação entre Amaro e Aleixo sendo o mote central da obra. A primeira vista o romance parece ser uma obra de combate ao preconceito sexual, mas acaba estigmatizando o negro e o homossexual. Reproduzindo o discurso patriarcal, o narrador é um fator determinante na compreensão da obra. Amaro, um negro ex-escravo e homossexual, parece ser ao início da obra um personagem salvador, visto que ele livra Aleixo, o jovem loiro de olhos azuis, das chibatadas, se essa impressão inicial se confirmasse, sem dúvidas, a obra seria uma verdadeira forma elogiosa ao amor homossexual, mas não é isso que acontece. É perceptível, ao longo do romance, que o narrador insiste a todo o momento em diminuir, em criminalizar a relação entre os dois. O desfecho trágico do romance é construído e nos alertado durante toda narrativa, ao comparar o negro, Amaro, com animal impiedoso que não esquece e não perdoa, já temos o prenúncio do que acontecerá ao pobre Aleixo.

Aleixo, por sua vez, parece está enfeitiçado pelo negro, pois ele se entrega ao Amaro para viver uma paixão e vida clandestina. No início Aleixo não se imagina em outra vida, vivendo com outra pessoa, mas ao conhecer Dona Carolina ele passa a desejar-la “como um homem deseja uma mulher”. Dona Carolina então serve para confirmar as teorias médicas da época, que diz que um homossexual masculino está nessa condição, pois não conhece uma mulher, e somente uma mulher poderá livrá-lo dessa condição deplorável.

Em consonância com a estética das narrativas naturalistas, **Bom Crioulo** faz uma descrição precisa dos corpos dos personagens, animalizando-os, expondo neles a marca da sexualidade. O binarismo é visível, de um lado temos o fraco e feminino Aleixo e a ele cabe a posição passiva no sexo, e de outro temos o forte e másculo Amaro, que cabe a posição ativa no sexo. Reforçando a ideia de que em uma relação sexual, mesmo que entre dois homens, um assume, necessariamente a posição “da mulher” e o outro a “do homem”. Esses estereótipos binários e heteronormativos são mais uma prova da relação entre a sociedade e a obra analisada.

Os três personagens masculinos analisados sofrem a mesma influência do patriarcado e da heteronormatividade, estigma que os discursos hegemônicos do século XIX (Medicina e Direito) os imputam.

Não seria possível, para nossa pesquisa uma análise estrita do texto, desconsiderar o contexto histórico e social seria prejudicial à análise gendrada, uma vez que os estereótipos são criados na sociedade e cada época acredita em determinados padrões.

Embora **O Ateneu** e **Bom Crioulo** não sejam obras que tratem de forma elogiosa o amor homossexual, essas obras abriram caminho para produções futuras, principalmente as obras que vieram na segunda metade do século XX.

Por fim, acreditamos que nosso trabalho vem para somar com os estudos de gênero, área de pesquisa que vem ganhando grande espaço na academia e com a fortuna crítica dos escritores e obras aqui analisadas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma (org.). **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

ALENCAR, José de. **O demônio familiar**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

ALENCAR, Chico et alii. **História da Sociedade Brasileira**. Ao Livro Técnico. RJ, 1996, 13ª ed.

AMBROSE, Tom. **Heróis e exílio: ícones gays através dos tempos**. Editora Gutemberg, Rio de Janeiro, 2010.

ANTUNES, José L. F. **Medicina, leis e moralidades: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)**. Editora UNESP, São Paulo, 1998.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

ARIÉS, Pierre e BÉJIN. **Sexualidades ocidentais**. Editora Brasiliense, São Paulo: 1985.

AUAD, D. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. 3a. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

AZEVEDO, Sânzio de. **Adolfo Caminha (vida e obra)**. 2ed. Fortaleza: UFC edições, 1999.

_____. **Breve história da Padaria Espiritual**. Fortaleza: UFC edições, 2011.

BANDINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. 7a. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. "Imoralidade" e crítica ao status quo Imperial em *O Ateneu* de Raul Pompéia. Congresso Brasileiro de Sociologia, 14., **Anais...**, 2009.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BATISTA, Edilene Ribeiro. **Fragilidade e força: personagens femininas em Charles Perrault e no mito da donzela guerreira**. Brasília: Éclat, 2006.

BATAILLE, Georges. **O erótico**. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BATISTA, Edilene Ribeiro (org.). **Gênero e literatura: resgate, contemporaneidades e outras perspectivas**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet, 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BELUCHE, Renato. **O corte da sexualidade: o ponto de viragem da psiquiatria brasileira no século XIX**. São Paulo: Annablume, 2006.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**. Maringá: Eduem, 2007.

BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Küner. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial/LTC – Livros Técnicos e Científicos Ed., 1989.

_____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2a. ed. rev. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.

BROCA, Brito. **Horas de leitura**. São Paulo. Editora: Instituto Nacional do Livro, 1957.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CAMINHA, Adolfo. **A Nova Revista**. Rio de Janeiro, 1896.

_____. **O Bom-Crioulo**. 7a. ed. São Paulo, Ática, 2010.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Tradução de BARROCAS, Maria Thereza de Carvalho; LEITE, Luiz Octavio Ferreira Barreto. 5a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Fernando Luiz. **O que é orientação sexual?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

CHEVALIER, Jean & Gheerbrant, Alain. **Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 26a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

CIRLOT, Juan-eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984
COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil – Vol. V e VI. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

_____. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

COSTA, Jurandir Freire. O referente da identidade homossexual. *In*: BARBOSA, Regina Maria; PARKER, Richard. (Orgs.), **Sexualidades Brasileiras**. Editora Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, Rio de Janeiro 1996.

_____. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro 1992.

_____. **Ordem médica norma familiar**. Editora Graal, Rio de Janeiro, 1997.

CORREIA, Romualdo dos Santos. **Espaços homosociais e representação do sujeito homoerótico em Bom-Crioulo e O Ateneu**. 2010. Dissertação.

CULLER, Jonathan. **Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

_____. **Teoria literária: uma introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca, 1999.

CUNHA, Helena Parente (org.). **Violência simbólica e estratégias de dominação: produção poética de autoria feminina em dois tempos**. Rio de Janeiro: Editora da Palavra e Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DAMATA, Gasparino. (Org.). **Histórias do Amor Maldito**. Rio de Janeiro, Record, 1967.

DANIEL, Marc e BAUDRY, André. **Os homossexuais**. Editora Artenova, Rio de Janeiro, 1977.

DEL PRIORE, MARY. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). *In*: HIRATA, Helena et al. (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 173-179.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

DOVER, Kenneth James. **A Homossexualidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Tradução: Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

EMMERICK, Rulian . **Religião e direitos reprodutivos. O aborto como campo de disputa política e Religiosa**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

FARIAS, Mariana de Oliveira. **Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade**, 2010. Disponível em:
<<http://www2new.assis.unesp.br/index.php/revista/article/viewFile/169/211>>.

FOSTER, David Willian; CALEGARI, Lizandro Carlos; MARTINS, Ricardo André Ferreira (Orgs.). **Excluídos e marginalizados na literatura: uma estética dos oprimidos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Paris: Gallimard, 1977.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições GRAAL, 1984.

_____. **Microfísica do poder**. Editora Graal, Rio de Janeiro, 1993.

_____. **Vigiar e Punir**. Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

FRESSIA, Alfredo. **Bom-crioulo, de Adolfo Caminha: estratégias para uma narrativa homoerótica**, 2002. Disponível em:
<<http://www.revista.agulha.nom.br/ag25caminha.htm>>. Acesso em: 4 mar. 2014.

FRY, Peter. Da hierarquia à Igualdade: A Construção Histórica a Homossexualidade no Brasil. *In*: FRY, Peter. **Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1982.

_____. MacRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** Editora Brasiliense, São Paulo, 1983.

FURST, Lilian R.; SKRINE, Peter N. **O naturalismo**. Lisboa: Lysia, 1971.

GARCIA, Wilton. **A forma estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo**. Edições Pulsar, São Paulo, 2000.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia

das letras, 2005.

GÓIS, João Bosco Hora. Olhos e ouvidos para atos (quase) privados: a formação de uma percepção pública da homossexualidade como doença. *In*: PUPPIN, Andréa B.; MURARO, Rose Marie (org.). **Mulher, Gênero e Sociedade**. Editora Relume Dumará:FAPERJ, Rio de Janeiro, 2001.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. Antropologia em 1ª mão, Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998.

GROSZ, Elisabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**. Ed. 14. Campinas: UNICAMP, 2000.

HARTMANN, Heidi. The unhappy marriage of marxism and feminism: towards a more progressive union. **Capital and Class**, nº 8, p. 1-33, 1979.

HAUSER, Arnold. **História social da Arte e Literatura**. São Paulo. Martins. 1998.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACAN, J. **Ecrits: a selection**. London: Tavistock, 1977.

LEAL, Ferreira. **Um homem gasto: episódio da história social do século XIX**. Estudo Naturalista por L.L.. 2a. ed. Rio de Janeiro: Matheus, Costa, 1885.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. 1a. ed. Editora Feltrinelli, 2004.

ARAÚJO, Jurema da Silva; MENDES, Algemira de Macêdo. (Orgs.). **Diálogos de gênero e representações literárias**. Teresina: Editora da UFPI, 2012.

MENDES, Leonardo. **O retrato do imperador: negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

MÍCOLES, Leila; DANIEL, Herbert. Jacarés e Lobisomens. **Dois Ensaios sobre a Homossexualidade**. Editora Achiamé, Rio de Janeiro, 1983.

MILLETT, Kate. **Sexual politics**. University of Illinois Press, 2000.

MIRANDA, F. F. F. de. Heteronormatividade: uma leitura sobre construção e implicações na publicidade. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 81-94, jan./fev. 2010. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/1314/898>>. Acesso em: 5 abr. 2013.

MISKOLCI, Richard. O corte da Sexualidade – A emergência do dispositivo de sexualidade no Brasil. 2005. Disponível em:

<http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2028/richard%20miskolci.pdf> Acesso em: 25 maio 2014.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. **História da literatura brasileira: modernismo. – Vol. III**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MORANDO, Luiz. **Considerações sobre a Relação de Gênero em Bom-Crioulo..** Belo Horizonte. Revista Aletria 2002.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade**. Rio de Janeiro, Editora Planeta Gay Books, 1998.

MOREIRA, Marcelo. **Alma celta**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

MUSSKOPF, André Sidnei. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram: reflexões sobre as pesquisas de gênero e sua relação com a teoria queer a partir da teologia. **História Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 3, p. 184-189, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6428>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

NAPHY, William. **Born to be gay: história da homossexualidade**. Lisboa: Edições 70, 2006.

PAZ, Otávio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Trad. Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PETERSON, Michel & NEIS, Ignacio Antonio. (Orgs.). **As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo, Ática, 2010.

REIS, Zenir Campos. Opostos, mas justapostos. *In*: POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. 20 ed. São Paulo, Ática, 1991, p. 3-7.

RESENDE, Viviane de Melo e RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Saboia. **Roteiro de Adolfo Caminha**. São Paulo, São José, 1967.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAFFIOTI, H. I. B. **Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres**. Série Estudos/Ciências Sociais/FLASCO-Brasil- junho/2009.

SAMARA, Eni de Mesquita. “O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina”. *In: Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.

SCHNEIDER, Liane; ALMEIDA, Márcia de; LIMA, Ana Cecília A.; HARRIS, Leila A. (Orgs.). **Mulheres e literaturas: cartografias crítico-teóricas**. Maceió: EDUFAL, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-100, jul./dez. 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2a. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SHOWALTER, Elaine. “A crítica feminista no território selvagem”. *In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco: 1994.

SOARES. Marly Carvalho. Da antropologia à ética: a questão da corporeidade. **Kairós – Revista Acadêmica da Prainha**, Fortaleza, n. 1, p. 32-49, jan./jun. 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O naturalismo no Brasil**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1965.

SONTAG, Susan. **A vontade radical: estilos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance**. São Paulo: USP, 1987.

THOMÉ, Ricardo. **Eros Proibido - as Ideologias Em Torno da Questão homoerótica na Literatura Brasileira**. São Paulo: Travessa, 2004.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso, a homossexualidade no Brasil, da Colônia a atualidade**. 3a. ed. Editora Record. Rio de Janeiro, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **História e Sexualidade no Brasil**. Editora Graal, Rio de Janeiro, 1986.

VENTURA, R. **Estilo Tropical: história tropical e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIDAL, Marciano. **Homossexualidade: Ciência e Consciência**. São Paulo. Loyola, 1985.

VICENTINE, Albertina. **Regionalismo literário e sentidos do sertão**. 2007.

WELLEK, René. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? o corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

ZOLA, Emile. **Thérèse Raquin**. Rio de Janeiro: Estação Liberdade, 2001.